

Revista Científica

ESPAÇO ACADÊMICO

MULTIVIX

SERRA

REVISTA ESPAÇO ACADÊMICO

Volume 10, número 2

**Serra
2020**

EXPEDIENTE

Publicação Semestral
ISSN 2178-3829
Temática: Multidisciplinar

Revisão Português
José Renato Siqueira Campos

Capa
***Marketing* Faculdade Capixaba da Serra/Multivix Serra**

Revista Espaço Acadêmico/Faculdade Capixaba da Serra
Serra: (Jul./Dez. 2020).
Semestral
ISSN 2178 - 3829

1. Produção Científica – Faculdade Capixaba da Serra. II. Título

Os artigos publicados nesta revista são de inteira responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, os pensamentos dos editores.

Correspondências

Coordenação de Pesquisas Faculdade Capixaba da Serra
Rua Barão do Rio Branco, 120, Colina de Laranjeiras, Serra/ES | 29.167-183
E-mail: antonio.junior@multivix.edu.br

FACULDADE CAPIXABA DA SERRA

DIRETOR GERAL

Helber Barcelos Costa

COORDENAÇÃO ACADÊMICA

Daniele Drumond Neves

BIBLIOTECÁRIA

Alexandra Barbosa Oliveira

CONSELHO EDITORIAL

Daniele Drumond Neves

Eliene Maria Gava Ferrão

Antonio Ferreira de Melo Junior

ASSESSORIA CIENTÍFICA

Aldomar Nascimento Junior

Lorena do Nascimento Ferreira

Alexandre Araújo Paes

Marcos Leal

Ana Gabriela Rangel Poncio Volkers

Maria Gabriella Pinheiro Silva

Caio Jorge Figueiredo de Oliveira

Nathalie Tristão B. Delgado de Lima

Fernanda Silva de Almeida Resende

Patrícia Campos da Rocha Loss

Gabriela de Oliveira Rebello

Priscila Alves de Freitas

Hannah Nicchio Loriato

Roberta Rangel Batista

Julia Delboni de Oliveira

Roger da Silva Rodrigues

Jussara Angélica G. N. Sardenberg

Sheila de Souza Muritiba

Leonardo Carvalho Caldas

Tatiana de Santana Vieira

Ligia Abreu Martins

APRESENTAÇÃO

Segundo Piaget, a multidisciplinaridade ocorre quando “a solução de um problema torna necessário obter informação de duas ou mais ciências ou setores do conhecimento sem que as disciplinas envolvidas no processo sejam elas mesmas modificadas ou enriquecidas”. Desta forma a Revista Científica ESPAÇO ACADÊMICO, promove a junção de temas atuais e relevantes das mais diversas áreas da ciência com objetivo contribuir com expansão do conhecimento e pesquisa científica.

Esta edição traz cinco contribuições das áreas de ciências humanas, saúde e exatas, que visam enriquecer a literatura científica e agregar conhecimento aos nossos leitores!

Boa leitura!

SUMÁRIO

O ESTILO DA LIDERANÇA SERVIDORA NO CONTEXTO DA EMPRESA07

Juliana Dias Borges, Luciana Bonatto Encarnação, Sirlainny de Oliveira Ribeiro, Omar Carrasco Delgado.

ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES E BENEFÍCIOS29

Luis Gustavo Nogueira Resende, Patrícia Marques Loureiro, Wesley Salles Miranda da Costa, Luis Carlos Jesus Oliveira.

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO EM PACIENTES COM INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO45

Mayra Campista Corteletti, Afonso Henrique Santos Lima, Flávia Silva de Oliveira, Pietro Valentim Bento Rocha, Raquel Neri da Silva Polezi.

PATOLOGIAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL – FISSURAS E TRINCAS: ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DA SERRA.....60

Buna Oliveira Alvarenga, Rogério Gonçalves Sarmento Junior.

A MUSICALIZAÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: UM ESTUDO DE REVISÃO71

Geiselly da Silva Cruz, Leandro Siqueira Lima.

O ESTILO DA LIDERANÇA SERVIDORA NO CONTEXTO DA EMPRESA

Dias Jorge, Juliana¹
Encarnação, Luciana Bonatto¹
Ribeiro, Sirlainny de Oliveira ¹
Delgado, Omar Carrasco¹

RESUMO

O presente artigo apresenta como tema central a liderança servidora e suas características. Objetiva-se, aqui, de maneira geral, traçar as definições deste estilo de liderança através da apresentação de suas vertentes e benefícios para as organizações. Além disso, essa pesquisa trata dos conceitos “liderança” e “líder”, abordando as principais teorias que cercam estes termos. A metodologia deste trabalho é de cunho bibliográfico, explicativo e qualitativo. A base teórica foi fundamentada nos autores James Hunter, Chiavenato, Jayr Figueiredo e Ken Blanchard. Como resultado deste estudo, destaca-se a relevância de se adotar a liderança servidora nas organizações, pois considera-se este estilo capaz de atender aos interesses das duas partes da empresa; dos sócios e proprietários, e dos funcionários.

PALAVRAS-CHAVE: Líder. Serviço. Influência. Liderança Servidora.

ABSTRACT

This article presents servant leadership and its characteristics as a central theme. With the general objective of clarifying this leadership style, seeking to present its aspects and benefits to organizations. It will also talk about leadership and the leader, addressing together the main theories of leadership best known to date. Bibliographic, explanatory, and qualitative research was used as methodology. The theoretical basis was based on the authors James Hunter, Chiavenato, Jayr Figueiredo and Ken Blanchard. As a result of this study, we highlight the relevance of adopting servant leadership in organizations, as we consider this style capable of meeting the interests of both parts of the company, of the partners and owners and of the employees.

KEYWORDS: Leader. Service. Influence. Servant Leadership

INTRODUÇÃO

Para que uma empresa obtenha sucesso é preciso que sua composição seja atravessada por fatores essenciais, tais como uma boa administração, um planejamento estratégico e uma equipe motivada — além, claro, da oferta de algo inovador e de valor para seus consumidores. Ultrapassando esses elementos, o que também pode potencializar o desempenho da empresa e de seu capital intelectual é a presença de um líder que esteja à frente de seus colaboradores.

¹ Acadêmicas do Curso de Administração da Faculdade Multivix-Serra.

² Doutor em Ciências da Educação pela Universidad de la Empresa — Professor Multivix Serra.

O líder tem a função de influenciar, inspirar e motivar seus funcionários para que, através de um ambiente de trabalho saudável, eles sejam conduzidos ao cumprimento de metas pré-estabelecidas. A respeito desta discussão, Diniz (2007) nos sugere que “liderar envolve competências que viabilizam a inspiração, a motivação, as ações e atitudes de outras pessoas para alcance e superação de metas”.

Desse modo, pode-se afirmar que um bom líder faz a diferença nas organizações. Em um mercado altamente competitivo, a presença de um bom líder configura uma vantagem, pois uma equipe motivada — a que toma para si a missão e o propósito da empresa — é o melhor marketing que ela poderia ter. De acordo com Chiavenato (2000), “para uma empresa ser bem-sucedida deve-se pensar em toda sua estrutura organizacional, para isso acontecer o capital humano é de fundamental importância”. Complementando a fala de Chiavenato, Santos (2004) afirma que “por isso se fez necessário redefinir os profissionais e olhar com mais atenção ao principal recurso das organizações que é o capital humano”.

O tema liderança tem sido muito explorado no decorrer dos anos e hoje contamos com diversos livros que tratam deste assunto. Temos, ainda, autores que fazem da liderança seu objeto de pesquisa e nos ensinam novas teorias e estilos de liderança. O presente artigo aborda o estilo da liderança servidora, um tema que vem sendo cada vez mais discutido e estudado. Este estilo de liderança é baseado em princípios básicos e elementares cujos pilares são o amor e o caráter. Sua disposição é servir as pessoas atendendo suas necessidades.

Nosso objetivo principal é frisar o significado deste estilo de liderança. Os objetivos específicos, por sua vez, são explicar o conceito de liderança, definir o termo “líder” e, enfim, dissertar sobre este novo estilo de liderança com vistas a destacar suas principais características.

Justifica-se a relevância da abordagem deste tema pelo fato de que neste semestre, após quatro anos de estudo, nos formaremos como administradores. Entretanto, isso não nos torna líderes, pois a liderança é uma competência que precisa ser desenvolvida e, tendo em vista a entrada destes profissionais recém-

formados no mercado de trabalho, consideramos relevante a abordagem deste tema.

A metodologia utilizada neste artigo foi a qualitativa de cunho bibliográfico e explicativa. Utilizaremos como fontes artigos científicos e livros, buscando uma base teórica bem fundamentada para o desenvolvimento do trabalho. Utilizamos como principal fonte de pesquisa, tendo em vista o objetivo descrito acima, os autores Chiavenato (2014), Jayr Figueiredo (2006), James C. Hunter (1989) e Ken Blanchard (2019).

REFERENCIAL TEÓRICO

LIDERANÇA

O interesse das pessoas a respeito da liderança e sua natureza é antigo e as primeiras pesquisas e teorias sobre o assunto tentaram definir as características que um líder deveria possuir. Seu objetivo era comparar as características entre líderes e não-líderes, destacando também o que diferenciava um líder de sucesso de um malsucedido. É necessário, contudo, lembrar que a liderança é um caminho em construção. Diversos autores ainda estudam e tentam explicar este tema, fazendo surgir assim variadas teorias que, inclusive, divergem entre si.

Figueiredo e Moura (2001, p. 10) explicam que a liderança não se restringe apenas ao comportamento humano, fazendo-se presente também na natureza através do comportamento de certos grupos de animais que interagem entre si em um relacionamento de líder e liderados.

Os autores ainda relatam um exemplo da liderança na natureza:

Um exemplo característico é o das aves migratórias, que viajam milhares de quilômetros, às vezes cruzando oceanos de um hemisfério a outro, em busca de fartura de alimento num clima mais ameno, para, então, retornar à região de origem passado o rigor de inverno. Os gansos selvagens, por exemplo, são famosos porque costumam “viajar” pelo meio do céu com um líder a frente, acompanhado por duas fileiras de seguidores em forma de um grande “V”, formando uma aerodinâmica perfeita em vários sentidos, pois o vácuo deixado pelas

aves da frente diminui o atrito e resistência do ar, facilitando o voo para os seguidores atrás. O único que não se beneficia do vácuo é o líder, que se dispõe a fazer um esforço redobrado para enfrentar a resistência do ar, afim de servir o grupo, além de assumir a responsabilidade de guiá-los pelo melhor trajeto rumo ao destino desejado (FIGUEIREDO; MOURA, 2001, p. 10).

Com o discurso de Figueiredo, pode-se identificar como condutas de um bom líder aquele que guia, que dá o exemplo, que assume as responsabilidades e se preocupa com a equipe, priorizando, assim, seu bem-estar — mesmo que isso exija dele sacrifícios em prol de seu time.

Na administração, o termo liderança surge como objeto de estudo dentro da escola humanística, em 1929 — que contradizia a escola científica —, abandonando o foco nas tarefas e olhando mais para o funcionário e sua qualidade de vida.

O estudo da liderança começou a ser enfatizado na Teoria das relações humanas. De acordo com Chiavenato:

A Teoria Clássica não se preocupou com a liderança e suas implicações, e seus autores apenas se referiram superficialmente a ela, pois não chegou a ser um assunto de interesse. Já a Teoria das Relações Humanas constatou a influência da liderança sobre o comportamento das pessoas (CHIAVENATO, 2014, p. 123).

Hersey, por sua vez, afirma que:

A escola das relações humanas começou a enfatizar a importância da satisfação humana para a produtividade, questões como sentimentos, atitudes e relações interpessoais passaram a ser enfocadas, uma vez que teriam uma relação direta com o atingimento dos objetivos pretendidos pela organização. O homem passou a ser visto como um ser social, orientado pelas regras e valores do grupo informal. (HERSEY; BLANCHARD, 1986).

Ainda segundo Hersey:

A partir da concepção do homo social, surgiu a necessidade de um líder que facilitasse a relação das pessoas no grupo e que orientasse o grupo no alcance dos objetivos organizacionais. O líder passou, então, a concentrar-se nas necessidades das pessoas enquanto seres sociais, como forma de atingir as necessidades da organização. (HERSEY; BLANCHARD, 1986).

Aqui, o colaborador e o seu bem-estar tornam-se partes importantes da empresa. A forma através da qual essas novas necessidades são atendidas se apresenta na presença de um líder que buscará suprir a atual exigência

organizacional. De acordo com Chiavenato (2003), “liderança é o processo de conduzir um grupo de pessoas. É a habilidade de motivar e influenciar os liderados para que contribuam da melhor forma com os objetivos do grupo ou da organização”.

Para Burns,

o processo de liderança é caracterizado por líderes induzindo seguidores para a ação tendo em vista certos objetivos, metas que representam os valores e as motivações, os desejos e as necessidades, as aspirações e as expectativas, tanto do líder quanto do liderado (BURNS, 1978).

Já para Locke (2003), “liderança é o processo de induzir outros a realizações na direção das metas comuns”, enquanto Ogbonnia, K.S. (2007) nos indica que “liderança é a habilidade de integrar e maximizar com sucesso recursos disponíveis nos ambientes interno e externo para atingir metas sociais ou organizacionais”.

James C. Hunter (2004), por sua vez, conceitua o termo como “a habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente visando atingir objetivos comuns, inspirando confiança por meio da força do caráter.” Como pensa Hunter, liderar se trata de exercer influência — seja ela no cotidiano ou no local de trabalho; seja na vida de maneira geral, com os colaboradores levando os aprendizados para suas casas, famílias e comunidades.

LIDER

O responsável por exercer a liderança é o líder, aquele que aplicará os limites de tal prática no contexto em que vive. Sendo assim, este deve ser capaz de influenciar sua equipe, motivá-los, inspirá-los; conduzir seus liderados ao alcance do objetivo da empresa de modo com que estes também consigam conquistar um melhor desempenho pessoal. O líder deve fazer com que sua equipe se torne melhor, cresça e evolua.

Chiavenato (2000) define o líder como “aquele que exerce influência sobre pessoas, conduzindo suas percepções de objetivos em direção aos seus objetivos”. Contudo, para que a liderança seja eficaz e renda bons frutos, é

imprescindível que o líder seja equilibrado emocionalmente e psicologicamente; que seja humilde, respeitoso e saiba receber o feedback de seu time — além, óbvio, de agir de maneira exemplar e saber extrair o melhor de cada indivíduo.

Para Robbins,

O líder é uma pessoa capaz de manter relacionamento de trabalho caracterizado por confiança mútua, respeito as ideias dos funcionários e cuidado com os sentimentos deles. Esse líder demonstra preocupação pelo bem-estar, conforto, status e satisfação de seus liderados (ROBBINS, 2002).

Davi Lago (2016), pastor e filósofo, argumenta que “o exemplo não é a melhor maneira de liderar, é a única”. Isso nos mostra uma prática importante do líder: ele não apenas delega funções, mas mostra como estas funções devem ser executadas. O líder deve servir de espelho e inspiração, suas atitudes e ações devem ser um modelo para seus liderados. Além disso, é preciso que ele confie em si próprio e em seu time, acreditando no potencial de sua equipe.

Chiavenato, em seu *Introdução a teoria geral da administração*, afirma que “a liderança é necessária em todos os tipos de organização humana, seja nas empresas ou em cada um de seus departamentos” (2014, p. 123). Apesar de existirem questionamentos quanto a relevância de um líder dentro das organizações, sabemos que um bom líder — aquele que desempenha sua função com excelência — traz resultados para a empresa, podendo até ser um diferencial frente à concorrência.

O líder saberá cuidar do capital humano da empresa e motivá-lo da forma correta. Dará senso de direção a equipe, mostrando o caminho correto ao atingimento das metas; explicará o trajeto e elaborará planos e estratégias para que a equipe alcance os resultados almejados.

TEORIAS DE LIDERANÇA

O estudo sobre liderança é bastante amplo e, desde seu surgimento, apareceram diversas teorias e estilos de liderança. Tendo em vista a constante busca dos campos teóricos sobre os modelos que apresentam mais eficácia, podemos encontrar muitas pesquisas sobre o tema.

TEORIA DOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE

De acordo com Chiavenato, “os primeiros estudos sobre liderança começaram com a identificação e a localização de traços de personalidade típicos do líder”. Ainda na visão de Chiavenato, esta teoria “procurava identificar os traços de personalidade que diferenciavam a grande pessoa das massas”.

Para Sobral (2008),

As comparativas dos traços dos líderes com os indivíduos comuns revelaram que os líderes têm determinados traços de personalidade – como determinação iniciativa, autoconfiança, inteligência, honestidade ou integridade – mas as pessoas que têm estes traços não são (e nem sempre se tornam) necessariamente líderes (SOBRAL, , 2008).

Conforme Robbins (2002), a teoria dos traços tem sua base calcada nas habilidades inatas do indivíduo. Nessa teoria, os indivíduos são entendidos como seres diferentes das demais pessoas por possuírem determinados traços de personalidade — traços estes que são considerados os responsáveis não só por fazê-los emergir como líderes, mas também por mantê-los em suas posições.

Um traço é uma qualidade ou característica distintiva da personalidade. Nesta teoria, o líder é aquele que possui certos traços específicos de personalidade que o distingue das demais pessoas. O líder apresenta características que marcam sua personalidade e, através dessas características, ele pode influenciar o comportamento de terceiros.

Essa abordagem resultou na pesquisa de tentar isolar os que são líderes dos que não são, ou os líderes mais eficazes dos menos eficazes. O argumento é que certas características, como, por exemplo, altura, integridade, inteligência, entre outras, estão relacionadas com o sucesso e, uma vez identificadas, podem ser usadas para escolher os líderes (SCHERMERHORN; HUN; OSBORN, 1999, p. 226).

Com o surgimento de novos estudos, a teoria dos traços foi desconsiderada devido a sua fragilidade e falta de sustentação, visto que existem pessoas sem quaisquer características previstas que, através do esforço e ambição, tornam-se líderes. Além disso, descobriu-se que determinadas características requeridas para tal função podiam ser aprendidas.

Mais tarde, pesquisadores influenciados por escolas do pensamento comportamentalistas descartaram essa ideia, sugerindo, ao contrário, que muitas características associadas à liderança efetiva podiam ser adquiridas. Estudos sobre os traços físicos dos líderes descobriram correlações frágeis, porém constantes, entre o nível de energia de uma pessoa e sua habilidade para galgar posições de liderança (YUKL, 1981, p. 71).

COMPORTAMENTAL

Surgida no pós-guerra, advinda da Escola de Relações Humanas, a Teoria Comportamental deixa de enfatizar as características natas de personalidade, para enfatizar os comportamentos necessários ao exercício da liderança. Os estilos comportamentais no desempenho da liderança passam a ser a tônica de pesquisas que estudam a influência de líderes autocráticos, democráticos ou do tipo laissez-faire sobre os participantes dos grupos, e o resultado do trabalho (TOLFO, 2000).

Para Robbins (2002), a diferença entre as abordagens dos traços e a comportamental — ao menos em termos de aplicabilidade — está em suas premissas básicas. A teoria comportamental oferecia uma lista de estilos ou comportamentos em vez de uma lista de traços pessoais. Além disso, se a teoria dos traços estivesse correta, os líderes seriam natos (nasceriam ou não como líderes); por outro lado, se existissem comportamentos específicos que identificassem os líderes, a liderança poderia ser ensinada.

Conforme Chiavenato Enquanto a abordagem dos traços se refere aquilo que o líder é, a abordagem dos estilos de liderança se refere aquilo que o líder faz, isto é, seu estilo de comportamento para liderar. A teoria mais conhecida refere-se a três estilos de liderança: autoritária, liberal e democrática. Liderança autocrática: o líder centraliza as decisões e impõe suas ordens ao grupo. O comportamento dos grupos mostrou forte tensão, frustração e agressividade, e nenhuma espontaneidade, iniciativa ou formação de grupos de amizade. Liderança liberal: o líder delegava totalmente as decisões ao grupo e deixava-o completamente à vontade e sem controle algum. Embora a atividade dos grupos fosse intensa, a produção foi medíocre. Liderança democrática: o líder conduzia e orientava o grupo e incentivava a participação democrática. Houve formação de grupos de amizade e relacionamentos cordiais entre os trabalhadores. Líder e subordinados desenvolveram comunicações espontâneas, francas e cordiais. O trabalho mostrou um ritmo suave e seguro, sem alterações, mesmo quando o líder se ausentava (CHIAVENATO, 2014, p. 127).

SITUACIONAIS OU CONTINGENCIAIS

As teorias situacionais ou contingenciais abandonam o enfoque no comportamento e se concentram na eficácia do líder diante de diferentes situações com ênfase na interação líder – liderado. A teoria pretende explicar como a situação na qual o líder se encontra tende a influenciar o uso eficaz do seu estilo de liderança. (FIGUEIREDO; MOURA, 2001, p. 12).

Tannenbaum e Schmidt expõem uma abordagem situacional da liderança. Nela, há uma gama de padrões de comportamento de liderança que o administrador escolhe para as suas relações com os subordinados. Cada tipo de comportamento está relacionado ao grau de autoridade utilizado pelo líder e o grau de liberdade disponível aos subordinados dentro de um *continuum* de padrões de liderança.

LIDERANÇA SERVIDORA

Viktor Frankl, psiquiatra na condição de prisioneiro de um campo de concentração nazista, escrevera um livro de título *Em busca de sentido*. Nele, o autor afirma que quem tem um “porquê” enfrenta qualquer “como”. Quando se tem um propósito ou um “porquê”, pode-se alcançar um sentido maior; sentido este capaz de conferir significados aos esforços requeridos durante a busca por determinados objetivos. Um líder servidor possui como propósito servir seus liderados. Isso faz com que ele esteja disposto a enfrentar qualquer “como”.

Blanchard (2019) esclarece bem esse pensamento ao argumentar o seguinte:

Acreditamos que a liderança servidora jamais foi tão aplicável ao mundo da liderança quanto hoje. Não apenas as pessoas estão à procura de um propósito mais elevado, e com mais significado, como, à medida que enfrentam os desafios de um mundo em constante mutação, também estão à procura de princípios que realmente funcionem. A liderança servidora funciona (BLANCHARD, 2019, p. 311).

No dicionário online de língua portuguesa (2020), uma das definições da palavra “servir” é trabalhar a favor de algo ou alguém. Como a definição salienta, servir é trabalhar para alguém; é prestar serviço dedicando força intelectual ou física a favor de uma pessoa ou uma empresa. Já a palavra “líder” está

conceituada como “indivíduo que exerce influência no comportamento ou no modo de pensar de alguém”.

Percebemos assim que a liderança servidora se trata de uma maneira diferente de liderar; maneira através da qual sua base se sustenta no ato de servir. Aqui, o papel do líder é influenciar seus liderados através do serviço que ele se dispõe a fazer. Ao servir seus liderados, o líder os ensina e os influencia ao exercício de repetição de comportamentos por ele desejados.

Por mais duvidoso que possa parecer, o modelo de liderança servidora pode ser realmente útil, tornando-se até mesmo um gerador de benefícios para a organização. Nada mais desejado pelos proprietários e gestores das empresas do que colaboradores que se dispõem a oferecer sua total dedicação à busca de resultados almejados. Deste modo, consegue-se notar que o ato de servir é benéfico para todos, mas esta atitude precisa partir de alguém que tenha autoridade e seja referência aos demais — estamos falando do líder, aquele cuja função primordial é influenciar.

Quando as pessoas ouvem o termo liderança servidora, é comum ficarem confusas. Imediatamente vêm às suas mentes imagens de prisioneiros administrando a prisão, ou, até mesmo, a tentativa de agradar todo mundo. Outros imaginam que a liderança servidora se aplica apenas a expoentes religiosos. O problema é que eles nada sabem sobre liderança. Acham que não é possível liderar e servir ao mesmo tempo. No entanto, é perfeitamente possível se você entender que a liderança tem duas partes: visão e implementação. No papel de visionários, são os líderes que definem a direção. Depois que a direção está clara, é responsabilidade dos líderes comunicar o que a organização representa e o que pretende alcançar. (BLANCHARD, 2019, p. 293).

Estudiosos apontam que a liderança servidora é a descoberta mais recente do mundo organizacional por ser capaz de tornar o ambiente empresarial mais humano e produtivo. Segundo Dutra (2002), “essa nova visão de liderança destaca a missão de servir as pessoas como o objetivo supremo e a estratégia mais eficaz para desenvolver o capital humano nas organizações”.

Para Figueiredo (2005, p. 06), o conceito de liderança servidora contemporâneo foi proposto por Robert Greenleaf, em 1977, com o lançamento de seu livro, de título *Liderança servidora*. Para o autor, a referida modalidade “é uma nova proposta, que se apoia nos valores intrínsecos da dignidade humana”.

Sendo assim, verifica-se que a base da liderança não é o poder, mas sim autoridade conquistada e construída sobre os alicerces do amor, dedicação e sacrifício. O proposto nessa teoria é uma nova alternativa para exercício da autoridade em que o ato de servir passa a ser um desejo.

A teoria da liderança servidora desafia o modelo tradicional de chefia, quebra o mito da hierarquia intocável, propõe aprendizagem com os erros da equipe, busca a opinião e a experiência de todos os níveis da empresa, invade os chamados segredos da cúpula e distribui a informação outrora privilegiada para todo o grupo, a fim de que todos sintam que são parte do mesmo time, lutando pela vitória comum (FIGUEIREDO; MOURA, 2001, p. 15).

De acordo com Hunter,

Ser servidor significa identificar e atender as necessidades legítimas dos demais. Não se trata de ser um escravo e fazer tudo o que os outros quiserem, mas de fazer aquilo de que as pessoas realmente precisam. É ter respeito e apreço pelas pessoas, prestar atenção ao que dizem, mostrar que podem contar com você. Resumidamente, é abraçar os outros quando necessitam de um abraço e repreende-los quando precisarem disso (HUNTER, 2006, p. 08).

Como argumentado pelo autor, ser um líder servidor é tratar de atender as necessidades de seus colaboradores e não fazer tudo o que estes desejam — afinal, necessidade é diferente de desejo. Hunter, além disso, evidencia essa diferenciação da seguinte forma: “uma vontade é simplesmente um anseio que não considera as consequências físicas ou psicológica daquilo que se deseja”. “Uma necessidade, por outro lado, é uma legítima exigência física ou psicológica para o bem-estar do ser humano” (2006).

Portanto, se o líder suprir as necessidades legítimas ele não correrá o risco de perder sua autoridade, nem mesmo o respeito de sua equipe; muito pelo contrário, ele conquistará uma equipe motivada que terá disposição de, junto a ele, caminhar em busca dos objetivos da empresa.

Sabe-se que o capital humano vem ganhando cada vez mais importância dentro das empresas e que este pode ser um diferencial frente aos concorrentes. A sua equipe pode ser o elemento que fará com que sua empresa esteja bem melhor colocada no mercado. As ideias, a inovação e a criatividade de seus funcionários podem ser elementos fundamentais que colaboram para o crescimento e desenvolvimento de sua organização. Por isso é tão importante

cuidar de seus colaboradores — e ninguém melhor do que um bom líder para desenvolver esse capital humano.

A velha forma de se relacionar com seus funcionários baseada em ordens e tarefas — forma através da qual o exercício do poder é opressivo — não tem mais espaço no contexto em que vivemos. Sobre isso, Hunter argumenta que “o papel do líder não é impor regras e dar ordens a camada seguinte. Em vez disso, o papel do líder é servir”. Nota-se:

A liderança que vai perdurar deve ser baseada na influência e na autoridade. A autoridade sempre se estabelece ao servir aos outros e sacrificar-se por eles. O serviço que prestamos tem origem na identificação e satisfação das necessidades legítimas. (HUNTER, 2006, p. 70).

Entendemos que o dever do líder é servir e sabemos que o velho modelo de chefia que apenas se preocupava em dar ordens aos subordinados não é um modelo duradouro e eficaz. O estilo de liderança capaz de trazer bons frutos é aquele construído sobre os terrenos de uma autoridade consistente, e não do exercício abusivo do poder.

Contudo, normalmente tratamos a autoridade e o poder como sinônimos, tornando necessário, desse modo, esclarecer e diferenciar essas duas palavras. Moraes (2001) destaca que há diferença entre poder e autoridade ao considerar o primeiro como o potencial para exercer influência; e o segundo, por outro lado, como o poder institucionalizado. Assim, o autor conclui afirmando que a autoridade proporciona poder, porém, o poder não proporciona necessariamente a autoridade.

Hunter (2006) conceitua poder como “a faculdade de forçar ou coagir alguém a fazer sua vontade, por causa de sua posição ou força, mesmo que a pessoa preferisse não o fazer” e define autoridade como “a habilidade de levarem a pessoa a fazerem de boa vontade o que você quer por causa de sua influência pessoal. A autoridade não pode ser comprada ou vendida, nem dada ou tomada”.

Já Barracho (2007), numa perspectiva sociológica, sublinha que

o poder pode ser visto como o exercício de uma força que se impõe aos outros em termos de dependência e de coação, ou seja, a

capacidade que um indivíduo tem de orientar e controlar a ação dos outros, sendo ele imediato ou mediato. (BARACHO, 2007 p. 189).

Assim vemos que o poder é adquirido pela cúpula superior da empresa e se trata de coagir, pressionar e às vezes até obrigar alguém a assumir determinado comportamento — aqui, há apenas delegação de tarefas e exigência. A autoridade, em contrapartida, não necessariamente se relaciona com a hierarquia da empresa. Ela é conquistada através de um bom relacionamento com a equipe em questão. A autoridade requer tempo e disposição para ser adquirida e está muito ligada ao respeito que a equipe tem ou não pelo gestor.

Discorrendo sobre as características e habilidades de um líder servidor, McGee-Cooper e Trammell (2002) destacam cinco atitudes básicas da liderança servidora que estarão presentes em líderes comprometidos com esse novo paradigma de liderança:

1. Ouvir sem julgar — quando um membro da equipe traz uma preocupação, o líder precisa ouvir para entender tanto os fatos quanto os sentimentos às vezes não expressos. Antes de dar conselhos e soluções, ou fazer julgamentos a respeito das causas do problema, é preciso ouvir com atenção as preocupações do companheiro de equipe. O passo seguinte é se unirem, líder e liderados, para trocar ideias em busca de soluções.

2. Ser autêntico — o líder precisa admitir seus erros abertamente. Uma razão óbvia para essa atitude é que os liderados conhecem perfeitamente todos os pontos fracos de seu líder, portanto, não melhora nada tentar escondê-los ou disfarçá-los. Quando um determinado projeto fracassou ou não deu certo, é importante o líder reconhecer sua parcela de responsabilidade e dividir a carga do fracasso com toda a equipe. Quando o líder é aberto a respeito de sua própria vulnerabilidade, as pessoas aprendem a confiar nele e a respeitá-lo como um ser humano autêntico e coerente. Bancar o infalível e o super-homem é uma atitude que iludirá apenas o próprio líder, pois todos percebem os seus pontos frágeis no processo de liderança.

3. Construir comunidade — o líder precisa demonstrar apreciação por aqueles com quem trabalha e criar, entre os membros da equipe, um clima familiar, em que se partilham preocupações e alegrias, intercalando as demandas do trabalho com momentos de comemoração e lazer. É importante ser agradecido por tarefas rotineiras que muitas vezes passam despercebidas e ser solidário com as necessidades e preocupações pessoais de cada membro da equipe.

4. Partilhar poder — além de delegar funções, o líder deve partilhar com a equipe o poder de ter iniciativa e tomar decisões, mesmo com o risco de cometer erros e equívocos. As decisões do líder precisam ser respaldadas pela visão e experiência de sua equipe, tanto quanto as decisões de cada membro da equipe.

5. Desenvolver as pessoas — duas prioridades do líder: o desenvolvimento de si mesmo e o desenvolvimento máximo de sua equipe. Cada pessoa possui um valor intrínseco e um potencial enorme que deve ser desenvolvido, e isso inclui não apenas o aspecto profissional, mas também o aprimoramento de cada um como pessoa. O líder precisa estar comprometido com isso, criando um ambiente permanente de expansão e proporcionando oportunidades de desenvolvimento profissional e pessoal por meio da participação de todos em eventos e atividades que desafiem o potencial de cada um. (MCGEE-COOPER; TRAMMELL apud FIGUEIREDO, 2001, p. 17).

Certamente a aplicação deste modelo não é fácil, mas Hunter argumenta que “se uma organização não está desafiando suas crenças e velhas maneiras de fazer as coisas, a concorrência e o mundo simplesmente a ultrapassam”. Quebrar velhos paradigmas e implementar formas novas e desafiadoras de gerir seus colaboradores pode trazer um certo temor, mas a mudança — por mais assustadora e difícil que possa parecer — traz muitos benefícios para a organização, e as empresas que não inovam ficam estagnadas e são ultrapassadas.

O modelo de liderança servidora traz conceitos novos e desafia os velhos padrões. Em seu livro *O Monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança* (2006), James Hunter nos expõe um modelo de pirâmide invertida; modelo em que os clientes ocupam o topo e o presidente a base.

Figura 1: Pirâmide organizacional invertida:



Fonte: Hunter (2006)

O autor nos propõe o exercício de imaginarmos uma organização cuja linha de frente é ocupada por empregados que servem aos clientes e garantem que suas necessidades sejam contempladas. Após isso, o supervisor da linha de frente começa a ver seus funcionários como clientes e passa a se dedicar, identificar e preencher suas necessidades. A proposta, portanto é inverter a pirâmide tradicional através da adoção de uma nova atitude — essa é a principal proposta vinculada à liderança servidora.

Ainda de acordo com Hunter, “um líder é alguém que identifica e satisfaz as necessidades legítimas de seus liderados e remove todas as barreiras para que possam servir ao cliente. De novo, para liderar você deve servir”.

Nas palavras de Blanchard,

Quando você vira a pirâmide organizacional de cabeça para baixo, em vez das pessoas serem responsáveis perante você, elas se tornam responsáveis, ponto; agora que são capazes de responder aos clientes, o seu trabalho enquanto líder/gestor é estar sensível ao seu pessoal. Isso cria um ambiente muito diferente para a implementação. Se você trabalha para o seu pessoal, como fazem os líderes servidores, qual é o propósito de ser um gestor? Ajudar as pessoas a se tornarem águias, não patos, e alçarem voo acima da multidão, atingindo objetivos, resolvendo problemas e vivendo de acordo com a visão (BLANCHARD, 2019, p. 294).

Quando invertemos a pirâmide entramos no modelo da liderança servidora, em que uma camada serve a outra e deste modo todos terão suas necessidades atendidas. Mas e quanto ao presidente? Este também terá suas necessidades supridas, visto que com o crescimento de sua empresa sua satisfação estará completa. Para finalizar, deixamos aqui uma outra citação de Hunter: “e se tudo estivesse de cabeça para baixo? Talvez liderássemos melhor servindo” (2006). Não se trata de rebeldia ou apenas quebrar velhos paradigmas — esse modelo é eficaz e pode contribuir muito para as organizações atuais.

METODOLOGIA

Quanto a metodologia utilizada neste artigo, adotamos a pesquisa explicativa e qualitativa de cunho bibliográfico. Matias Pereira define este método como

o método pode ser entendido como o roteiro, os procedimentos e as técnicas utilizados para se alcançar um fim ou pelo qual se atinge um objetivo. O método científico é o conjunto de procedimentos e técnicas utilizados de forma regular, passível de ser repetido, para alcançar um objetivo material ou conceitual e compreender o processo de investigação. Ou seja, é o roteiro apoiado em procedimentos lógicos para se alcançar uma verdade científica, ou seja, o conjunto de procedimentos que ordenam o pensamento e esclarecem acerca dos meios adequados para chegar-se ao conhecimento, (PERREIRA, 2016, p. 46).

Andrade (2012), por sua vez, ao tratar da pesquisa bibliográfica, a apreende como “uma habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas”.

Segundo Gil,

a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet. (GIL, 2017, p. 27).

Para Matias (2016), a pesquisa bibliográfica é uma abordagem utilizada para conhecer as contribuições científicas sobre determinado assunto, tendo por objetivo recolher, selecionar, analisar e interpretar as contribuições teóricas já existentes sobre uma questão que esteja em voga no percurso de uma investigação.

De acordo com Gil (2009), a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e, atualmente, com material disponibilizado na Internet.

Do ponto de vista de Vergara, a

pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Fornece instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode esgotar-se em si mesma. O material publicado pode ser fonte primária ou secundária. Por exemplo: o livro *Princípios de administração científica*, de Frederick W. Taylor, publicado pela Editora Atlas, é fonte primária se cotejado com obras de outros autores que descrevem ou analisam tais princípios. Estas, portanto, são fontes secundárias. O material publicado pode também ser fonte de primeira ou de segunda mão. Por exemplo: se David Bohn escreveu um artigo, ele é fonte de primeira mão. No entanto, se esse artigo aparece na rede eletrônica editado, isto é, com cortes e alterações, é fonte de segunda mão. (VERGARA, 2016, p. 50).

Sobre a definição de pesquisa explicativa, Vergara argumenta ainda o seguinte:

A investigação explicativa tem como principal objetivo tornar algo inteligível, justificar e os motivos. Visa, portanto, esclarecer quais fatores contribuem, de alguma forma, para a ocorrência de determinado fenômeno. Por exemplo: as razões do sucesso de determinado empreendimento. Pressupõe pesquisa descritiva como base para suas explicações. (VERGARA, 2016, p. 49).

Para Gil (2009, p. 90), a pesquisa explicativa visa identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Assim, aprofunda o conhecimento da realidade porque explica a razão — o “porquê” das coisas.

De acordo com Andrade (2012)

a pesquisa explicativa tem por objetivo aprofundar o conhecimento da realidade, procurando a razão, o “porquê” das coisas; por isso mesmo, está mais sujeita a cometer erros. Contudo, pode-se afirmar que os resultados das pesquisas explicativas fundamentam o conhecimento científico (ANDRADE, 2012, p. 113).

Fernandez (2012), além disso, define os trabalhos qualitativos como aqueles que possibilitam descrever as qualidades de determinados fenômenos ou objetos de estudo. As fontes mais utilizadas para esse tipo de análise são documentais ou resultantes de entrevistas e observações. De acordo com Stake (2015), a palavra “qualitativa” significa que seu raciocínio se baseia principalmente na percepção e na compreensão humana.

Silva e Mendes definem a pesquisa qualitativa como:

Pesquisa qualitativa: parte do entendimento de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requerem o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (SILVA; MENDES apud PEREIRA, 2005 p. 88).

REFLEXÕES ACERCA DA LIDERANÇA SERVIDORA

Após o estudo do tema “liderança servidora” para a confecção do presente artigo e, tendo em vista tudo o que foi dissertado acima, o grupo considera de grande relevância a consideração deste estilo de liderança por parte das organizações e gestores. Apresentamos esta argumentação visto que este modelo consegue ser eficaz e agregar valor às empresas — e, ao mesmo tempo, pode ser um fator motivacional para os funcionários, que serão mais assistidos com a presença do líder-servo.

Sabe-se que a liderança faz a diferença e é de suma importância para todas as organizações. O modelo servidor é pouco falado e pouco presente nas empresas; contudo, sua utilidade é indiscutível. O modelo de liderança servidora foi utilizado por grandes personagens que compõem a História, como Martin Luther King, Gandhi e Jesus Cristo. Esses homens marcaram a história e causaram mudanças extraordinárias, tudo na base da liderança servidora.

Luther King foi um ativista político que lutou pelo direito civil para os negros nos EUA na época do “apartheid”; Gandhi levou a Índia a conquista da independência, e Jesus conseguiu influenciar seus doze discípulos e dividiu o calendário da história.

Se a utilização deste modelo fez com que esses homens conquistassem essas vitórias notáveis, certamente também será capaz de trazer benefícios duradouros e relevantes para toda e qualquer organização que o adote.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou um entendimento maior sobre o tema. Considerando que somos graduandas em administração e certamente estaremos à frente de equipes como gestores, julgamos relevante trazer este estilo não tão comentado de liderar. Um jeito inovador e benéfico.

O mundo está em constante evolução. A tecnologia, globalização, internet e as pessoas estão todas em mutação. Mudando e inovando a cada dia. Para se enquadrar em um contexto em que o status quo é a cada dia quebrado, o

profissional precisa ser inovador e sempre buscar novas formas de agregar valor para a organização em que atua e para seus liderados. Por este motivo abordamos o tema aqui discutido, visto que o julgamos como de grande valia aos novos administradores.

Durante a pandemia do Covid-19 as empresas precisaram se reinventar e se adaptar. O modo de trabalho mudou junto com as circunstâncias e, neste momento, as empresas precisaram de seus colaboradores mais do que nunca. Só conseguiram continuar a produzir e manter o foco, contudo, as equipes motivadas que abraçam a missão da empresa. A liderança servidora é capaz de desenvolver equipes motivadas dispostas a isto e, em conjunto com a equipe gestora, é possível que toda a organização alcance os objetivos traçados previamente. Como já foi dito, este estilo é capaz de cuidar do capital humano da empresa, suprimindo suas necessidades e, ao mesmo tempo, é capaz de gerar resultados para a empresa, para os gestores, sócios e proprietários.

Para aprofundar o conhecimento sobre este tema recomendamos como fonte de estudo os livros *O líder servidor*, de James Autry; bem como os *Liderança de alto nível*, *O monge e o executivo* e *Como se tornar um líder servidor*, de Ken Blanchard e James Hunter, respectivamente.

Por fim, reforçamos a importância da inserção deste modelo na realidade das organizações, pois acreditamos ser a liderança servidora uma catalisadora de benefícios para aquelas que a adotam.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**, 10ª edição. Editora Atlas SA: Grupo GEN, 2012. 9788522478392. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522478392/>. Acesso em: 09 Set 2020.

BARRACHO, Carlos José Bernardo da Silva. **Estratégias de poder e autoridade em contextos sócio-políticos diferenciados**.. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2007.

BLANCHARD, Ken. **Liderança de Alto Nível: Como Criar e Liderar Organizações de Alto Desempenho**. Bookman editora Ltda: Grupo A, 2019.

9788582605240. Disponível em:
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582605240/>. Acesso em:
20 Set 2020.

BURNS, J. M. (2003). **Transforming Leadership**. New York: Atlantic Monthly Press. BURNS, J.M. **Leadership**. New York: Harper, 1978.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. 4ª ed. Compacta – Barueri, SP manole, 2014.

CHIAVENATO, I. **Como transformar Rh (de um centro de custo) em um Centro de Lucro**. 2ª ed. São Paulo: Marron Books, 2000.

DINIZ, Daniela. **Seja um líder completo**. *Você S/A*. n.109, p. 40-46, jul.2007.

Disponível em: <https://www.dicio.com.br/servir/>. Acesso em: 15 de Set de 2020.

Disponível em: <https://www.dicio.com.br/lider/>. Acesso em: 15 de Set de 2020.

DOUGLAS, W; LAGO, Davi. **Formigas: lições da sociedade mais bem-sucedida da terra**, 1ª ed. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2016.

DUTRA, Joel Souza. **Gestão de pessoas**. São Paulo: Atlas, 2002.

FERNANDEZ, Brena Paula Magno. **Métodos e técnicas de pesquisa**. São Paulo: Editora Saraiva, 2012.

FIGUEIREDO, Jayr. **Liderança: uma questão de competência**. São Paulo: Editora Saraiva, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

HERSEY, Paul, BLANCHARD, Kenneth H. **Psicologia para administradores: a teoria e as técnicas da liderança situacional**. São Paulo: EPU, 1986.

HUNTER, James C. **O monge e o executivo**: uma história sobre a essência da liderança. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

LOCKE, E. A. "Leadership: Starting at the top". In C. Conger. **Shared leadership**: Reframing the hows and whys of leadership. Thousand Oaks, CA, 2003, pp. 271-284.

MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2016.

MORAES, Anna Maris Pereira de. **Iniciação ao estudo da administração**. 2. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2001.

OGBONNIA, K.S. **Political party system and effective leadership in Nigeria**: a Contingency Approach. Dissertation. Walden University, 2007.

ROBBINS, Stephen Paul, **Comportamento Organizacional**. Trad. Reynaldo Cavaleiro Marcondes. 9º ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

SANTOS, M. J. N. **Gestão de Recursos Humanos: Teoria e Práticas**. Scielo, jul/dez, 2020.

SCHERMERHORN, John R. Jr; HUNT, James G.; OSBORN, Richard N. **Fundamentos de comportamento organizacional**. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 1998.

SOBRAL, F.; PECCI, A. **Administração**: teoria e prática no contexto brasileiro. São Paulo: Prentice Hall, 2008.

STAKE, Robert E. **Pesquisa Qualitativa**. Artmed editora S.A. Grupo A, 2015.

TANNENBAUM, Robert; SCHMIDT, Warren H. **How to choose a leadership pattern**. Harvard Business Review — Business Classics: Fifteen Key Concepts for Managerial Success. Cambridge: Harvard Business Review, 1991.

TOLFO, S. R. **Macro tendências de organização do trabalho e possibilidade de crescimento humano**: práticas, limites e perspectivas em uma empresa do setor cerâmico de Santa Catarina. Porto Alegre: UFRGS/PPGA, 2000.

YUKL, Gary; FLEET, David D. Van. "Theory and research on leadership in organizations". In: DUNNETTE, Marvin D. et al. **Handbook of industrial and organizational psychology**. 2^a ed. Palo Alto, California: Consulting Psychologists Press, 1994.

ATIVIDADES FISICA DE AVENTURA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES E BENEFICIOS

Nogueira Resende, Luis Gustavo

Loureiro, Patrícia Marques

Da Costa, Wesley Salles Miranda

Jesus Oliveira, Luis Carlos

RESUMO

As atividades físicas de aventura são componentes que estão presentes na matriz curricular da educação física escolar, e são de suma importância pois trazem diversos benefícios, tanto para os alunos quanto para o meio ambiente, porém muitas das elas não são contempladas pelos professores. Portanto o presente trabalho tem como objetivo trazer a visão que os autores tem para validar a presença dessa matéria, demonstrando sua importância e seus benefícios.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física escolar; Atividades Física de aventura; Meio Ambiente.

INTRODUÇÃO

Quando analisamos a Educação física do ponto de vista tradicional, verificamos várias lacunas no que se diz respeito ao universo de possibilidades que podem ser aplicadas e desenvolvidas nas aulas no âmbito escolar. Segundo Betti (2002),

“A Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida. A integração que possibilitará o usufruto da cultura corporal de

movimento há de ser plena – é afetiva, social, cognitiva e motora.”
(BETTI, 2002, p.75).

Com isso, ao analisarmos a escola como espaço que assume responsabilidade na formação de cidadão, concluímos a necessidade de possibilitar aos alunos a ter acesso as mais diversas práticas, incluindo os esportes de aventura. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apresentam, no eixo transversal "Meio Ambiente", para os alunos de 5ª a 8ª séries, a necessidade de se realizar uma educação com atividades corporais praticadas junto à natureza: "surfe, alpinismo, bicicross, *jet-ski*, entre outros esportes radicais, montanhismo, caminhada, mergulho, exploração de cavernas e atividades de lazer ecológico" (BRASIL, 1998 p.40). Tais práticas em meio à natureza ou em áreas urbanas conquistaram espaço na escola, pois estimulam os alunos a testarem sua coragem, associadas ao prazer de práticas em ambientes diferentes fazendo com que os alunos descubram os seus próprios limites, tendo em vista que a área educação física que se reinventa, se renova e aprimora sua esfera de conteúdos e suas possibilidades pedagógicas, sugerem-se algumas reflexões sobre propostas inovadoras e práticas que estão fora do âmbito escolar, Paixão afirma “[...] o esporte de aventura como um campo de intervenção profissional docente inovador, instigante e repleto de possibilidades para diferentes âmbitos de ensino e aprendizagem, inclusive o escolar.” (PAIXÃO, 2017 p.171).

Partindo então dessa nossa problemática, optamos por fazer esse presente estudo afim de demonstrar, através da revisão bibliográfica, os que os autores tem a dizer sobre essa importância de colocar os esportes de aventura como um conteúdo importante de ser colocado nas aulas de educação física. Para isso utilizamos de 17 fontes de conhecimento, entre eles artigos com autores de referência como Betti, Tahara, Franco e entre outros e fontes governamentais como o Ministério de Turismo, afim de validar, dialogar e por fim mostrar a importância e os benéficos da implementação das atividades de aventura na aulas de educação física.

DESENVOLVIMENTO

ATIVIDADES DE AVENTURA

A palavra Aventura vem do latim “*ad venture*” que significa “*coisas a vir*”, logo o termo Atividades de Aventura tem a etimologia relacionada a “*estar preparado para o que vier*” dando nome assim a um conjunto de práticas que tem por eixo norteador a aventura, o termo adotado pelo Ministério do Turismo para designar essas práticas foi Atividades de Aventura e é definido da seguinte forma:

“A palavra aventura – do latim *adventure* – o que há por vir, remete a algo diferente. Neste conceito, consideram-se atividades de aventura as experiências físicas e sensoriais recreativas que envolvem desafio, riscos avaliados, controláveis e assumidos que podem proporcionar sensações diversas como liberdade, prazer; superação, a depender da expectativa e experiência de cada pessoa e do nível de dificuldade de cada atividade”. (BRASIL, 2006, p.9).

A nomenclatura para a definição das Atividades de Aventura não chega a um consenso pelos estudiosos da área, muitas são terminologias utilizadas pelos autores: *Práticas Corporais de Aventura (PCA)*, *Atividades Físicas de Aventura (AFA)*, *Esportes de Ação (EA)* e etc.

Esportes de aventura, radicais ou de ação podem ser termos utilizados para caracterizar atividades competitivas nas quais o participante é sujeito a desafios físicos e mentais incomuns no dia a dia, desafios tais como velocidade, altura, profundidade etc, algumas práticas foram inventadas séculos atrás, é o caso do surf e o bungee jump, foram criados pelos nativos havaianos com a finalidade de "testar", uma competição entre os homens da aldeia.

Tahara e colaboradores (2013) destacam que em meados das décadas de 1980 e 1990 pouco se escutava sobre as Atividades de Aventura em território nacional, ficando as mesmas restritas a poucos praticantes e com uma mínima exposição na mídia, a expressão “Atividade de Aventura” é oriunda do final dos anos 80 e início dos anos 90 utilizada para caracterizar pequenos grupos de pessoas que começaram a prática de esportes não convencionais e com forte contato com meio ambiente e risco controlado, práticas como o surf, mergulho, escalada, skate dentre outros, Marinho (1999) determina Atividades de Aventura como um

conjunto de práticas diversas com características inovadoras que diferem dos esportes tradicionais.

As Atividades Físicas de Aventura (AFA) são um fenômeno crescente no Brasil nas últimas décadas, as práticas estão relacionadas ao âmbito do lazer e da competição, surgem a partir de novos paradigmas como a reaproximação com a natureza, lazer, bem estar e as fortes emoções “[...] a presença de sensações, emoções e sentimentos são características próprias dos esportes de aventura [...]” (TRIANI e TELLES, 2019, pg.306), Franco, Darido e Tahara afirmam,

As práticas corporais de aventura (PCA) são muito exploradas tanto pelo turismo como pela mídia em geral, sendo possível perceber os pacotes turísticos para diferentes locais do Brasil e do mundo que permitem o consumo da natureza, por meio da vivência de várias modalidades de aventura. (FRANCO, DARIDO e TAHARA, 2018, pg.67)

Sobre a temática Práticas de Aventura Tahara et al. (2013) destaca que as atividades de aventura apresentam três âmbitos distintos de atuação, sendo eles o turístico-recreativo, o de rendimento-competição e o educativo-pedagógico. Para (CALVACANTE, SOUZA e SCHWINGEL),

O esporte de aventura atualmente tem se mostrado com alto poder de aceitação social, tanto no que se refere às suas possibilidades de adaptação ao contexto escolar quanto às diversas formas em que o mesmo é utilizado na atualidade: como fonte de renda, lazer, diversão e turismo de negócios. (CALVACANTE, SOUZA e SCHWINGEL, 2019., pg.106)

Com expansão nos âmbitos destacados acima, Souza diz: “A expansão dos esportes e atividades de aventura é notória e com esse fator surgem discussões sobre as possibilidades de aplicação nos conteúdos da educação física escolar, visando propiciar novas vivências sobre a ótica da aventura.” (SOUZA, 2018, pg.10). Para Calvacante, Souza e Schwingel,

“Esta temática referente ao Esporte de Aventura vem se consolidando junto à comunidade acadêmica e científica, estando presente em concursos públicos, congressos e fóruns de discussões e debates. Não obstante seu crescimento e valorização no contexto acadêmico, nas escolas, sobretudo vinculados às aulas de Educação Física, esta prática tem se mostrado inexpressiva”. (CALVACANTE, SOUZA e SCHWINGEL, 2019., pg.96)

Segundo Souza (apud GALVÃO et al., 2019 pg.186) “Tendo o potencial de serem explicitados, como um retorno às ideias humanistas de Rosseau na busca de um reencontro do homem consigo mesmo, e, por outro lado, ser mais um produto a se tornar devorado pelo mercado de bens e consumo desse mundo capitalista, os Esportes de Aventura colocam-se como uma predisposição na dinâmica corrente de relações construídas a partir da compreensão sobre o fenômeno esportivo; portanto, precisam ser tratados e conversados dentro da escola, cabendo ao professor de educação física na escola, está preparado para transmitir os conhecimentos, habilidades e cuidados necessários para sua prática seja no ambiente escolar ou fora dele.”

Paixão (2017) diz que as diferentes modalidades que fazem parte das Atividades Físicas de Aventura constituem-se fortes possibilidades de lazer, turismo, competição e um cenário bem recente como propostas de temas nas aulas de Educação Física no âmbito escolar.

ATIVIDADES DE AVENTURA E ESCOLA

A prática das Atividades de Aventura enquanto conteúdo da Educação Física é atual, a Base Curricular Nacional (BNCC) sobre a inserção da temática na esfera de conteúdos da Educação Física escolar diz,

“Através dos esportes de aventura, é possível explorar expressões e formas de experimentação corporais centradas nas competências e conquistas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador. Algumas dessas práticas costumam receber outras denominações, como esportes de risco, esportes alternativos e esportes extremos. Assim como as demais práticas, elas são objeto

também de diferentes classificações, conforme o critério que se utilize”. (BRASIL, 2016, p 176).

Estudiosos da área salientam para a necessidade de aprofundar e opulentar os conteúdos das aulas de Educação Física através do maior número de vivências possíveis tendo como eixo norteador as manifestações da Cultura Corporal de Movimento, partindo em desencontro a hegemonia de alguns conteúdos dentro do âmbito escolar, conteúdos como os esportes com bola, se fazem presentes e comuns nas aulas de educação física, o conteúdo Atividades de Aventura é recente e pouco explorado no âmbito escolar. Para Rosa e colaboradores (2019),

“Pelos poucos estudos encontrados com a prática das PCA exclusivamente em ambiente escolar, podemos inferir que as PCA estão apenas no discurso e nos documentos da BNCC, não fazendo parte, ainda, da cultura escolar, realizá-las. Cabe aos professores da Educação Física promoverem mais este tipo de prática, bem como as secretarias de educação promoverem formação específica para este eixo [...]” (ROSA et al., 2019, pg.12)

O campo da Educação Física possui uma pluralidade extensa de conteúdos que são assegurados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais os PCN'S, compreende-se o âmbito escolar como espaço favorável para as possibilidades de utilização do corpo nas aulas de Educação Física, uma disciplina importante no currículo escolar caracterizada pela diversidade de experiências motoras que buscam trabalhar, desenvolver e aprimorar forças físicas, sociais, psíquicas dos alunos. Em discordância aos “velhos” conteúdos nas aulas de Educação Física, embora os Esportes de Aventura sejam classificados como esportes dentro da sistematização dos conteúdos, é uma temática pouco aproveitada, uma esfera de conhecimento importante que pode ser associada ao meio ambiente possibilitando novas experiências e diversas possibilidades pedagógicas, Franco (2008) afirma,

[...] Atividades Físicas de Aventura atingem os alunos de uma forma mais abrangente, deixando abertas as possibilidades de um conteúdo que tratará de práticas corporais de caráter competitivo ou não, mas que exprimem imprevisibilidade e um determinado e controlado risco a ser superado no meio urbano (como o *skatismo*, por exemplo), ou na natureza, ou em simulações desta em meio urbano. (FRANCO, 2008, p.29)

Franco et al. (2018) afirma que alguns autores como Pereira e Armbrust (2010), Franco (2011), Alves e Corsino (2013), Tahara e Carnicelli Filho (2013), Franco, Cavasini e Darido (2014), Maldonado e Silva (2015), Inácio e colaboradores (2016), Tahara e Darido (2016), entre outros, entendem que esse conjunto de práticas relacionadas à aventura podem e devem ter um importante papel nas aulas de Educação Física no âmbito escolar, o termo Atividades de Aventura impacta os alunos de uma forma mais abrangente, abrindo um leque possibilidades de um conteúdo que tratará de práticas corporais de caráter competitivo ou não, atividades essas com risco controlado, que podem ser realizadas no meio urbano ou no meio natural.

Para Souza, é importante a ampliação das possibilidades nas aulas de Educação Física, onde,

[...] é necessária a busca de novos elementos para construir uma prática pedagógica que amplie as alternativas do professor em oferecer aos alunos, aulas diferenciadas, que perpassem os ensinamentos centrados apenas no exercitar-se e na repetição de modalidades esportivas tradicionais. Por este motivo, torna-se importante possibilitar aos alunos a aprendizagem de novos conhecimentos relacionados às diversas manifestações da Cultura Corporal de Movimento. (SOUZA, 2018, pg.4)

Nas palavras de Tahara e colaboradores (2013) as Atividades de Aventura enquanto conteúdo da Educação Física,

“Essas atividades, como componente curricular inovador dentro da área da Educação Física escolar, podem ampliar quantitativa e qualitativamente as vivências dos educandos, e assim possibilitar

experiências práticas que conduzirão à aquisição de novos conhecimentos e aprendizagens, interligados com a importante abordagem das questões ligadas ao meio ambiente natural”. (TAHARA et al., 2013., pg.62)

Desta forma é notória as possibilidades pedagógicas de um conteúdo tão inovador, os benefícios das Atividades de Aventura para os educandos partem desde novas possibilidades de práticas nas aulas que se diferem das práticas tradicionais como os esportes e os jogos e vai até a hipótese de se abordar o tema meio ambiente nas aulas de Educação Física, trabalhando conceitos importantes como sustentabilidade, preservação, bem-estar e etc. Calvacante, Souza e Schwingel reiteram,

“Nesta linha de raciocínio, os esportes de aventura podem oferecer novos e significativos desafios, tanto para os alunos, quanto para os professores, podendo ser compreendidos como vivências capazes de contemplar os princípios norteadores da cultura corporal de movimento, apresentando-se como um tema de grande relevância para o desenvolvimento das aulas de Educação Física escolar”. (CALVACANTE, SOUZA e SCHWINGEL, 2019, pg.98)

Tahara e colaboradores (2018) realça que as Atividades de Aventura se constituem como uma das unidades temáticas a serem abordadas ao longo de todo Ensino Fundamental, entre os 6º e 9º anos (os 6º e 7º anos com as PCA urbanas, e os 8º e 9º anos com as PCA na natureza) afirmando ainda que,

“Diante do amplo repertório de possibilidades de PCA, se abre espaço para compreender que muitas destas manifestações corporais poderiam (e deveriam) ocorrer em âmbito educacional nas aulas de Educação Física, a depender do contexto em que se localiza a escola e das condições físicas, materiais e capacitação docente para efetivar tal inserção”. (TAHARA et al., 2018, pg.100)

Souza (2018) diz que as Atividades de Aventura, possibilitam que o praticante confronte-se com ele próprio na superação de limites, barreiras e vencendo

desafios, agregando a aquisição novos saberes; vale destacar que na escola é o lugar que devemos encontrar esses desafios e aprender a refletir. Para Tahara e colaboradores (2018) as Atividades de Aventura,

“[...] podem gerar motivações e interesses diversificados entre os alunos ao participarem das aulas de Educação Física, existindo curiosidade e satisfação naquilo que a prática possa proporcionar em termos de sensações e emoções individuais que podem ser compartilhadas com o grupo, como a percepção de liberdade, o ineditismo na vivência, a questão dos riscos sob controle, entre outros”. (TAHARA et al., 2013., pg.62)

Por este motivo Calvacante, Souza e Schwingel (2019) dizem que ao sugerir os esportes de aventura na escola como conteúdo para as aulas de Educação Física, novas possibilidades de ensino se formam, pois, novas práticas são oportunizadas, com o objetivo de despertar maior interesse por parte dos alunos para os conhecimentos em questão, além da valorização de hábitos relacionados à formação para a cidadania.

EDUCAÇÃO FÍSICA E O MEIO AMBIENTE

Educação Física e meio ambiente, uma proposta que vai em desencontro a uma Educação Física Escolar tradicional, Franco (2008) aponta que se fôssemos trabalhar temas relacionados ao meio ambiente na área de Educação Física, qual conteúdo específico da área estaria mais próximo? E se estivéssemos na escola, quais atividades poderiam ser escolhidas para trabalhar meio ambiente com os alunos? O conteúdo da Educação Física tradicionalmente lecionados na escola não têm dado conta da abordagem desta temática: meio ambiente e natureza. No máximo, com a boa vontade do professor da área, poder-se-ia fazer relações de atividades de resistência e outras capacidades físicas, em caminhadas, remadas, pedaladas e algumas outras atividades. A temática do meio ambiente e suas possibilidades no âmbito escolar, segundo Tahara e colaboradores (2013),

A temática ligada ao meio ambiente enquanto conteúdo da Educação Física Escolar apresenta algumas possibilidades de trabalho durante o desenvolvimento das aulas, tais como a questão relacionada à Educação Ambiental, a educação para o lazer em contato com a natureza, bem como a utilização das atividades de aventura como proposta pedagógica, entre outros. (TAHARA et al., 2013., pg.61)

Se torna importante a abordagem do tema meio ambiente nas escolas e nas aulas de Educação Física de forma interdisciplinar, As Atividades de Aventura ganharam relevância, assim os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apresentam, no eixo transversal "Meio Ambiente", para os alunos de 5ª a 8ª séries, a necessidade de se realizar uma educação com atividades corporais praticadas junto à natureza: "surfe, alpinismo, bicicross, *jet-ski*, entre outros esportes radicais, montanhismo, caminhada, mergulho, exploração de cavernas e atividades de lazer ecológico" (BRASIL, 1998 p.40). Tais práticas em meio à natureza ou em áreas urbanas conquistaram espaço na escola, pois estimulam os alunos a testarem sua coragem, associadas ao prazer de práticas em ambientes diferentes fazendo com que os alunos descubram os seus próprios limites, acredita-se que as experiências dos Esportes de Aventura possibilitam aos alunos do Fundamental sensações e aprendizagens importantes de caráter formativos dos educandos dando significação a aplicabilidade do conteúdo como importante como qualquer outro conteúdo da Educação Física.

O trabalho interdisciplinar também pode ser favorecido, ao evidenciar que as Atividades de Aventura também envolvem o meio ambiente e a natureza como agente de integração, a escola pode aproximar os alunos de ambientes naturais, para vivenciar, realizar a práticas e aproximar conhecimentos teóricos da prática em várias áreas do conhecimento.

Considerando a ideia de Franco (2008) os adolescentes estão cada vez mais próximos às atividades ligadas ao meio ambiente, no qual essas atividades já deveriam estar fazendo parte do currículo das escolas de ensino fundamental e médio e até mesmo das próprias universidades.

Franco e colaboradores (2011) acreditam que o conteúdo de Atividades de Aventura proporciona o bem estar, liberdade, superação, emoção, desafio e prazer. Quando praticada no meio natural, representa mais uma possibilidade de aproximação entre o homem e o meio ambiente, devido à relação direta com os elementos naturais e suas variações como o sol, o vento, montanha, rios, vegetações densas e desmatadas, lua, chuva e tempestade.

“[...] a crescente busca pela proximidade na relação homem/natureza tem contribuído para intensificar atividades ao ar livre e de aventura com os mais diversificados objetivos e pelos mais variados tipos de pessoas, permitindo vivências, emoções e sentimentos que se configuram na contramão da vida estressante percebida na vida moderna, se constituindo em uma atividade física que tem ganhado cada vez mais adeptos.” (CALVACANTE, SOUZA e SCHWINGEL, 2019., pg.97)

Calvacante, Souza e Schwingel (2019) enfatizam que:

“[...] o esporte de aventura surge como uma prática diferenciada do desporto, inovando conteúdos e se aproximando das novas tendências pedagógicas que norteiam as concepções emergentes relativas à formação profissional no campo da Educação Física, ao mesmo tempo em que se aproxima desta nova vertente social de retorno às questões naturais e ecológicas”. (CALVACANTE, SOUZA e SCHWINGEL, 2019., pg.95).

Tahara e colaboradores (2013) destaca que é possível de imaginar que os alunos de escolas localizadas próximas a esses locais que favoreçam a prática das atividades de aventura deveria ter um acesso mais direto a informações em relação a essas práticas e o seu contexto na região em que vivem, as Escolas de Ensino Fundamental possuem habilitação para integralidade de novas práticas associadas aos Esportes de Aventura sejam eles no meio urbano ou no meio ambiente, são praias, parques e uma vasta natureza que formam conjuntos de fatores que beneficiam a escolha de tal conteúdo para as aulas tendo como

eixo norteador o risco e fortes sensações. Para Tahara (2013), o território nacional,

“[...] possui condições geográficas, vegetação e clima propícios para a vivência de uma grande parte das atividades de aventura, sendo um vasto litoral com mais de oito mil quilômetros de praias, muitas regiões montanhosas, inúmeras bacias fluviais, boa concentração de cavernas, entre outros. Em alguns casos, o próprio entorno da escola, mesmo que ela esteja localizada dentro de um centro urbano, pode ser capaz de proporcionar um espaço verde adaptável onde o professor possa ministrar seu conteúdo.” (TAHARA et al., 2013., pg.64)

Franco e colaboradores (2011) ressalta apenas uma ou outra vivência prática não são suficientes para transformar culturalmente os alunos e torná-los, por exemplo, protetores do meio ambiente, mas um trabalho crítico e contínuo de reflexões e discussões sobre as vivências podem construir com mais uma possibilidade para os conteúdos abordados pela Educação Física Escolar. Calvacante, Souza e Schwingel apontam que,

“Na atualidade, diante de condições cada vez mais desumanas que permeiam as relações de trabalho e sobrevivência, percebemos um movimento cada vez mais crescente de ‘retorno às origens’, de reintegração do homem ao seu espaço natural. Como uma tentativa de se livrar das condições diárias de estresse e mecanização, as atividades ao ar livre e na natureza tem ganhado cada vez mais popularidade e importância.” (CALVACANTE, SOUZA e SCHWINGEL, 2019., pg.94)

Calvacante, Souza e Schwingel (2019) ainda ressaltam,

Paradoxalmente a esta valorização da atividade física *‘indoor’*, temos percebido ultimamente uma tendência mundial de ‘retorno às origens’, uma espécie de desaceleração de hábitos e costumes que foram sendo padronizados e mitificados ao longo das décadas. Nesse sentido, o ser humano, tem buscado maior valorização das questões naturais e simples. A procura pelas atividades físicas em ambientes fechados volta a ceder espaço para as atividades ao ar livre e em

completa sintonia com a natureza, peça fundamental deste novo pensamento. (CALVACANTE, SOUZA e SCHWINGEL, 2019., pg.95)

Ao praticar e conhecer uma atividade de aventura, seja no meio urbano ou no meio natural, o que se percebe é que os limites pessoais podem ser superados conforme com as individualidades e habilitação de cada um. O aluno terá sucesso no resultado final, ultrapassar suas barreiras, vencer seus medos, limites e desafios, já que a única regra nessas atividades é a obediência às normas necessárias de segurança de cada modalidade, gerando assim satisfação, interesse, motivação e fortes emoções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação física tem como objetivo um espaço onde o aluno consegue compreender o seu corpo através das atividades físicas e assim formar esse alunos homens e mulheres íntegros para quando forem adultos, portanto pode se perceber ao longo dessa pesquisa com as ideias dos autores, o como as atividades físicas de aventura são muito importante para o desenvolvimento dos alunos, pois além de melhorar o aluno na questão física, com suas habilidades motoras, ela também auxilia os alunos no quesito pessoal, pois os fazem encarar seus medos, passar dos limites pessoais, encarar desafios e também conscientizam sobre a importância do meio ambiente, para que ele seja preservado.

REFERÊNCIAS

ALVES, Carla da Silva Reis; CORSINO, Luciano Nascimento. O Parkour como possibilidade para a Educação Física Escolar. **Motrivivência**, n. 41, p. 247-257, 2013 ,

BETTI, M. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 1, n. 1, 2002.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Educação Física. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **PCN: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental** – Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006 Disponível em http://arquivos.cruzeirosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf
Acesso dia 10 Junho de 2020

DE SOUZA, Mauro José; CAVALCANTE, Joás Dias de Araújo; SCHWINGEL, Jorge Carlos. Esportes de aventura na educação física escolar: realidade, necessidades e possibilidades. **Revista Panorâmica online**, v. 27, n. 2, 2019 Disponível em <http://oca.ufmt.br/revista/index.php/revistapanoramica/article/download/857/19192084> Acesso dia 10 Junho de 2020

FRANCO, Laercio Claro Pereira et al. Atividades Físicas de Aventura: proposta de um conteúdo na Educação Física Escolar no ensino fundamental. **Arquivos em Movimento**, v. 7, n. 2, p. 18-35, 2011

FRANCO, Laercio Claro Pereira; TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas Corporais de Aventura nas propostas curriculares estaduais de Educação Física: relações com a base nacional comum curricular. **Corpoconsciência**, v. 22, n. 1, p. 66-76, 2018

KAWASHIMA, Larissa Beraldo; DE SOUZA, Laura Beraldo; FERREIRA, Lílian Aparecida. Sistematização de conteúdos da Educação Física para as séries iniciais. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, p. 458-468, 2009

- Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Turismo de aventura: orientações básicas. Coordenação - Geral de Segmentação. – Brasília Ministério do Turismo, 2006.

PAIXÃO, Jairo Antônio da. **O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar**. 2016

ROSA, Héilton Jânio Gomes et al. The corporal practices of adventure in brasiliensschools: systematic review. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 6, p. 21861043, 2019

SOUSA, Denister Paulo Castro. Esporte orientação: uma proposta de ensino nas aulas de educação física escolar. 2018

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p.

TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura em aulas de educação física na escola. **Conexões: Educação Física, Esporte E Saúde**, v. 14, n. 2, p. 113-136, 2016

TAHARA, Alexander Klein; CARNICELLI FILHO, Sandro. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Arquivos de ciências do esporte**, v. 1, n. 1, 2013.

TAHARA, Alexander Klein; DE CARVALHO SOARES, Dandara; DARIDO, Suraya Cristina. Estado da arte: Práticas corporais de aventura e Educação Física escolar. **Arquivos de Ciências do Esporte**, v. 6, n. 3, 2019

TRIANI, Felipe; TELLES, Silvio de Cassio Costa. Representações sociais sobre os esportes de aventura na educação física. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, v. 10, n. 30, p. 293-314, 2019

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO EM PACIENTES COM INFARTO AGUDO DOMIOCÁRDIO

Corteletti, Mayra Campista ¹
Santos Lima, Afonso Henrique ¹
De Oliveira, Flávia Silva ¹
Bento Rocha, Pietro Valentim ¹
Polezi, Raquel Neri Da Silva ¹

RESUMO

As doenças cardiovasculares, atualmente, tem se destacado com altas prevalências e mortalidades no Brasil nos últimos anos, causando um impacto muito grande na saúde pública devido as altas taxas de internações. O Infarto agudo do miocárdio (IAM), ocorre quando alguma artéria que supre a região do miocárdio é obstruída de forma aguda, impedindo com que o fluxo sanguíneo chegue em determinada área do coração, podendo levar a uma hipóxia ou até mesmo a uma necrose. Objetivo: Relatar a atuação do enfermeiro em pacientes com IAM. Metodologia: Trata-se de uma revisão da literatura, com buscas em ambiente virtual através da plataforma de pesquisa BIREME, Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e Google Acadêmico, com recorte temporal de 2017 à 2020. Resultados e Conclusão: Após a admissão de um paciente em uma Unidade de Pronto socorro, o enfermeiro deverá seguir com condutas e protocolos propostos pela instituição, já que ele é o primeiro profissional a ter contato com o paciente. No ato das coletas de dados do paciente, deverá ser feito a anamnese e exame físico. O profissional poderá intervir com ações de primeiros socorros que minimizam o desconforto do paciente. A atuação do enfermeiro é de extrema importância desde a admissão, implementando intervenções que minimizem o risco de mortalidade dessa patologia, até a alta assumindo um papel de educador na melhora desse paciente com o retorno ao seu cotidiano e atividades sociais.

PALAVRAS CHAVES: Doenças cardiovasculares; Infarto Agudo do miocárdio; assistência de enfermagem.

ABSTRACT

Cardiovascular diseases, currently, have stood out with high prevalence and mortality in Brazil in recent years, causing a very large impact on public health due to the high rates of hospitalizations. Acute myocardial infarction (AMI) occurs when an artery that supplies the myocardial region is acutely obstructed, preventing blood flow from reaching a certain area of the heart, which can lead to hypoxia or even necrosis. Objective: To report the role of nurses in patients with AMI. Methodology: This is a literature review, with searches in a virtual environment through the research platform BIREME, Scientific Electronic Library Online (SCIELO) and Google Scholar, with a time frame from 2017 to 2020. Results and Conclusion: After admission of a patient in an emergency room, the nurse must follow the procedures and protocols proposed by the institution, since he is the first professional to have contact with the patient. In the act of collecting patient data, anamnesis and physical examination should be done. The professional will be able to intervene with first aid actions that minimize the patient's discomfort. The role of the nurse is extremely important since admission, implementing interventions that minimize the risk of mortality from this pathogenesis, until discharge assuming a role as an educator in improving this patient with the return to his daily life and social activities.

KEYWORDS: Cardiovascular diseases; Acute myocardial infarction; nursing care.

INTRODUÇÃO

As doenças cardiovasculares, atualmente, tem se destacado com altas prevalências e mortalidades no Brasil nos últimos anos, causando um impacto muito grande na saúde pública devido as altas taxas de internações. A Organização Mundial de Saúde (OMS) estimou-se que as Doenças Cardiovasculares estão frequentes em comunidades de países de baixas e médias rendas, devido a maiores exposições de fatores. No Brasil, 27,7% de óbitos é subsequente a cardiopatias. (MASSA; DUARTE; FILHO, 2019)

O Infarto agudo do miocárdio (IAM), ocorre quando alguma artéria que supre a região do miocárdio é obstruída de forma aguda, impedindo com que o fluxo sanguíneo chegue em determinada área do coração, podendo levar a uma hipóxia ou até mesmo a uma necrose. As causas mais frequentes do IAM é em indivíduos que já tinha histórico de coronariopatia aterosclerótica (acúmulo anormal de substâncias lipídicas na parede vascular, formando ateromas). Outras causas também que pode levar a um indivíduo a ter o IAM é a oclusão completa de uma artéria, sendo por êmbolo ou trombo, constrição súbita de uma artéria coronária e uma demanda diminuída ou aumentada de oxigênio. Essas causas podem levar a uma diminuição do fluxo sanguíneo coronariano, hipóxia, hiperóxia e lesões ou morte das células miocárdicas. (GUYTON; HALL, 2017)

Moreira et al (2018), relata que de acordo com os estudos que fizeram obteve 474,608 casos de Infartos, sendo que essas coletas foram realizadas no período de 2012 a 2016, tendo alta prevalência no ano de 2015. O IAM acomete ambos os sexos, mas tem uma alta prevalência em indivíduos do sexo masculino com idade de aproximadamente 50-79 anos. Estudos relatam que o sexo masculino obteve 301.057 casos de IAM neste período de 2012 a 2016. Além disso, observaram que indivíduos brancos e pardos tem o maior índice

de ter infartos, com prevalência de 192.322 casos, sendo 189.929 brancos e 2.393 pardos.

Existem vários fatores que podem predispor um indivíduo a ter o Infarto, sendo eles os fatores Intrínsecos e extrínsecos, ou seja, fatores que não podem ser modificados e fatores que podem ser modificados. Dentre os fatores intrínsecos estão cor, raça e histórico familiar. Nos fatores extrínsecos se destacam o estilo de vida do indivíduo, como alimentação, sedentarismo, tabagismo, etilismo e dentre outros. (SIQUEIRA; FILHO; LAND, 2017)

As doenças cardiovasculares vêm aumentando e causando vários impactos na saúde, tornando seu estudo de extrema importância para a atuação dos profissionais de saúde e redução de mortalidade dos pacientes. Para tal, o artigo tem como objetivo relatar, através da revisão de literatura, a atuação do enfermeiro em pacientes com IAM, bem como descrever as condutas da enfermagem na admissão de pacientes com IAM, as intervenções e a melhora da qualidade de vida em pacientes pós-infartados.

METODOLOGIA

O presente estudo tratou-se de uma revisão narrativa da literatura, com informações coletadas em base de dados virtuais através das plataformas de pesquisa BIREME, Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e Google Acadêmico, no período de janeiro a março de 2021.

Optou-se pelos seguintes descritores: Infarto Agudo do Miocárdio; Doenças cardiovasculares; Assistência da enfermagem. Estabeleceu-se então para a realização da pesquisa os critérios de inclusão: textos na íntegra, nos idiomas português, inglês e espanhol com abordagem da temática estabelecida e que obedecessem ao recorte temporal de 2017 a 2020 e como critérios de exclusão, os textos e que não abordassem a temática estabelecida e com recorte temporal inferior a 2017.

Após a associação de todos os descritores foram encontrados 13.800, foi feita a leitura detalhada dos resumos dos mesmos a fim de selecionar aqueles que estivessem diretamente relacionados atuação do enfermeiro em pacientes com infarto agudo do miocárdio, adotados os critérios de exclusão e selecionados 7 artigos que atenderam aos critérios para compor a presente revisão.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com os dados coletados, após a admissão de um paciente em uma Unidade de Pronto socorro, o enfermeiro deverá seguir com condutas e protocolos propostos pela instituição, já que ele é o primeiro profissional a ter contato com o paciente. O enfermeiro deverá ter conhecimentos científicos, práticos, teóricos e ser ágil na comunicação entre as equipes para ter um prognóstico imediato e não levar aquele paciente a ter sequelas maiores ou até mesmo a destruição das células seguindo a uma necrose local. (LIMA e SILVA, 2020)

No ato das coletas de dados do paciente, deverá ser feito a anamnese e exame físico. O enfermeiro deverá identificar imediatamente os sinais e sintomas do IAM como, sudorese, fortes dores no precórdio, irradiação para membros superiores, náuseas, vômitos, dispneia, palidez e dentre outros. (FRIGINI et al., 2017)

Após o diagnóstico de enfermagem, o profissional poderá intervir com ações de primeiros socorros que minimizam o desconforto do paciente. As ações que podem ser implementadas é a utilização de suportes de oxigênio para um alívio respiratório e diminuição da dor no precárdio, administração de medicamentos com acesso venoso periférico, segundo prescrições médicas, proporcionar um ambiente calmo já que o paciente estará com medo, orientar sempre ao paciente para ficar de repouso e não ser exposto a um esforço físico,

se for preciso deverá ser instalado oxímetro de pulso contínuo para melhor averiguação e verificar os sinais vitais com frequência. (FRIGINI et al., 2017)

Há uma série de fatores extrínsecos que podem predispor a um Infarto Agudo do Miocárdio. Nesses fatores extrínsecos se destacam o estilo de vida do indivíduo, como alimentação, sedentarismo, tabagismo, etilismo e dentre outros. Quando o paciente recebe alta, o enfermeiro assume um papel de educador ao orientá-lo e encaminhá-lo a um nutricionista, educador físico e até mesmo um fisioterapeuta. (FÉLIX, 2018)

Uma dieta balanceada e atividade física melhora na qualidade de vida de um paciente pós-infartado, diminuindo os níveis de colesterol, hipertensão arterial, obesidade, se tiver, e sedentarismo. O educador físico deverá estabelecer as atividades físicas com base nas avaliações clínicas e exames. Em relação ao tabagismo, o enfermeiro irá assumir um papel de extrema importância ao orientá-lo a evitar ou cortar de vez o tabaco. (FÉLIX, 2018)

CONCLUSÃO

As doenças cardiovasculares são altamente prevalentes e dentre elas se destacam o IAM que acomete indivíduos com idades 50-79 anos. A atuação do enfermeiro é de extrema importância desde a admissão, implementando intervenções que minimizem o risco de mortalidade dessa patologia, até a alta assumindo um papel de educador na melhora desse paciente com o retorno ao seu cotidiano e atividades sociais.

Sendo assim, com as melhoras nos estilos de vidas proposta pelo enfermeiro, ocorrerá uma diminuição brusca no índice de mortalidade no Brasil pelo IAM. Vale ressaltar ainda que os métodos de condutas e intervenções do enfermeiro, levará ao paciente a ter um menor risco de sequelas. Portanto, todo conhecimento científico, prático e teórico é de mera importância para um prognóstico imediato.

REFERÊNCIAS

FÉLIX, L. R. S. Assistência de Enfermagem ao paciente com infarto agudo do miocárdio. 2018. 29.f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade de Cuiabá - UNIC, Cuiabá, 2018. Disponível em:<[https://repositorio.pgsskroton.com/bitstream/123456789/20234/1/LILIANN E%20DO%20REGO%20DA%20SILVA.pdf](https://repositorio.pgsskroton.com/bitstream/123456789/20234/1/LILIANN%20DO%20REGO%20DA%20SILVA.pdf)>. Acesso em: 06 fev. 2021.

FRIGINI, J. L. et al. A sistematização da assistência de enfermagem e atuação do enfermeiro ao paciente infartado. **Salus Journal of Health Sciences**. 17 fev. 2017. p.1-13. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.5935/2447-7826.20170011>>. Acesso em: 6 fev. 2021.

GUYTON, A. C.; HALL, J. E. **Tratado de fisiologia médica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.

LIMA, R. B; SILVA, F. W. F. Atuação do enfermeiro ao paciente infartado na emergência: uma revisão integrativa. 2020. Dissertação (Pós-graduação em Gestão e Saúde). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituição de ensino a distância, SÃO FRANCISCO DO CONDE: 17 jan. 2020. Disponível em:<http://www.repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1790/3/2020_arti_rutelima.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2021.

MASSA, K. H. F; DUARTE, Y. A. O; FILHO, A. D. P. C. Análise da prevalência de doenças cardiovasculares e fatores associados em idosos, 2000-2010. **Ciência e saúde coletiva**. São Paulo, v.24, n.1, p.105-114, 2019.

MOREIRA, M. A. D. M. et al. Perfil dos pacientes atendidos por infarto agudo do miocárdio. **Sociedade Brasileira de Clínica Médica**. João Pessoa, v. 16, n.4, p.212-214, out-dez. 2018.

SIQUEIRA, A. S. E.; FILHO, A. G. S.; LAND, M. G. P. Análise do Impacto Econômico das Doenças Cardiovasculares nos Últimos Cinco Anos no Brasil. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**. Rio de Janeiro, v.109, n.1, p. 39-46, Jul.2017.

PATOLOGIAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL - FISSURAS E TRINCAS: ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DA SERRA

Alvarenga, Bruna Oliveira¹

Sarmiento Junior, Rogério Gonçalves²

RESUMO

Este trabalho é um estudo de caso das patologias na construção civil em uma edificação situada em Serra-ES onde funciona uma escola da rede pública. Essa construção foi entregue há 07 anos, portanto, trata-se de uma edificação recente. A partir das observações e de coletas de dados através de visitas técnicas, pode-se constatar que a estrutura da construção apresenta patologias como: fissuras e trincas. A pesquisa possui o objetivo de identificar as origens dessas patologias, pois são visíveis e causam insegurança aos usuários que ocupam o edifício diariamente. Através das investigações pode-se constatar que as patologias são advindas do uso de materiais de baixa qualidade, assim, faz-se necessário um estudo de caso para indicar os tratamentos adequados para solucionar os problemas identificados, de forma a aumentar a vida útil dessa construção. O foco é investigativo, à vista disso, a correção deve ser efetuada de maneira adequada e cumprindo as normas necessárias para não causar danos em outras regiões da edificação. O engenheiro civil deve estar atento às peculiaridades que podem surgir durante o tratamento aplicado. É importante ressaltar que muitos problemas apresentados em obras a curto e longo prazo em sua maioria são decorrentes da falta de manutenção.

PALAVRAS-CHAVE: Patologias. Tratamento. Construção Civil.

¹ Graduanda do curso de Engenharia Civil na Faculdade Capixaba da Serra (MULTIVIX Serra).
E-mail: bruna-oa@hotmail.com.

² Professor Orientador Rogério Gonçalves Sarmiento Junior Mestre em Estruturas/Geotecnia. E-mail: rogeriosarmientojunior@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O mercado da construção civil já esteve mais aquecido, e nesse quadro para atender todas as demandas foram construídos vários edifícios num período curto de tempo. Desse modo, muitas edificações vêm apresentando precocemente patologias, sendo as mais encontradas as fissuras e trincas, principalmente nas fachadas dos prédios. Isso propiciou grande demanda nas reparações e o não planejamento dessas manutenções tem ocasionado altos custos nas recuperações das estruturas.

De acordo com Nazário e Zancan:

Patologia, de acordo com os dicionários, é a parte da medicina que estuda as doenças. A palavra patologia tem origem grega de “phatos” que significa sofrimento, doença, e de “logia” que é ciência, estudo. Então, conforme os dicionários existentes pode-se definir a palavra patologia como a ciência que estuda a origem, os sintomas e a natureza das doenças (NAZÁRIO E ZANCAN, 2011, p. 01).

O estudo de patologias da construção civil pode ser interpretado como um setor da engenharia que pesquisa sobre as origens, sintomas, causas e vícios que acontecem na construção de edificações. Através de pesquisas sobre tais assuntos é aceitável que estes problemas patológicos sejam evitados nas edificações modernas (DO CARMO, 2003).

Para Pinto *et al.* (1989), pode haver manifestações de patologias nos revestimentos de argamassa já nos primeiros anos de idade da construção, demonstrando que esses defeitos na estrutura tem mais relação com a falta de medidas preventivas do que com a idade da edificação.

Esse estudo de caso está delimitado a partir da observação de patologias da construção civil: fissuras e trincas encontradas na edificação da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor João Loyola, localizada no Centro da Serra-ES. Esse prédio, cuja construção é recente, foi entregue à comunidade no ano de 2014 e, desde os primeiros anos após sua inauguração, já manifestava algumas patologias.

O problema dessa pesquisa se deu com análise e constatação da existência de patologias, tais como fissuras e trincas encontradas na edificação supracitada. Desse modo, o presente artigo visa informar quais as possíveis

causas para as patologias observadas na estrutura da Escola e os tratamentos corretivos que podem ser adotados.

Considerando a idade recente do prédio analisado nessa pesquisa, atrela-se a presença de patologias em sua estrutura a possíveis problemas de compactação do solo e fundação e/ou a qualidade dos materiais usados. Essa hipótese se deve ao fato dos moradores das regiões adjacentes ao terreno onde a edificação foi construída relatarem que no local havia constante acúmulo de água, sendo, por isso, chamado de “brejo”. Desse modo, para a construção da edificação foi necessária a realização de um aterro, que pode não ter recebido a compactação adequada de acordo com as normas. É importante informar que patologias podem aparecer em obras de alvenaria devido à tensão dos materiais utilizados, desta forma, ocasionando fissuras, trincas e até mesmo rachaduras provenientes do alívio dessas tensões.

O estudo de caso apresentado possui como objetivo geral, compreender as causas das patologias na estrutura do prédio da Escola, de modo a orientar a busca pelo tratamento adequado e eficaz para combatê-las. E como objetivo específico: investigar as causas que originaram essas patologias; analisar as consequências e descrever como os tratamentos devem ser realizados.

No prédio há intensa circulação de pessoas - cerca de 1.500 entre alunos e funcionários diariamente. As patologias identificadas na edificação estão causando diversos transtornos, pois chama atenção dos usuários mais atentos, por se tratar de um problema visível e que negativa a estética da edificação, assim, causando a impressão de que as pessoas não estão seguras. Portanto, há a preocupação de que, caso os procedimentos para realizar dos tratamentos não sejam efetivados, pode não ser possível assegurar a vida útil da edificação para mantê-la dentro dos padrões de funcionamento.

Desse modo, identificar as causas das patologias existentes na estrutura da edificação analisada nesse trabalho é fundamental para a proposta de tratamentos adequados a ela. Caso não haja os reparos necessários, os danos detectados nessa edificação podem se tornar irreversíveis, impedindo sua utilização em um futuro próximo. Contudo, a pesquisa aqui apresentada possui a intenção em informar o tratamento adequado para que haja a correção dos

problemas diagnosticados, de modo a aumentar o tempo de vida útil da construção. Ressalta-se que, conhecendo as causas e a natureza das patologias, será possível direcionar os tratamentos, de modo a evitar gastos com reparos inadequados e assim, reduzir os custos com a mão de obra e materiais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para desenvolver uma obra com boa qualidade é preciso avaliar vários fatores, sendo imprescindível o estudo do terreno, do solo, do clima e das condições geológicas do projeto apresentado. Desta forma, “a prática sistemática da manutenção preventiva em uma edificação reduz os custos de ações corretivas” (CASTRO, 2007, p. 12). Assim, se a construção civil é feita de acordo com as normas técnicas e se as vistorias necessárias forem realizadas regularmente, se prevenirá o surgimento de patologias e, conseqüentemente, não haverá necessidade de correções antecipadas, pois a edificação deve atender um tempo mínimo de vida útil para que apareçam as primeiras patologias, onde nessa pesquisa se evidencia as fissuras e trincas.

Souza e Ripper (1998, p. 14) descrevem patologia como um campo da engenharia civil, que “se ocupa das origens, formas de manifestação, conseqüências e mecanismos de ocorrência das falhas e dos sistemas de degradação das estruturas”. Porém, é comum a utilização desse termo em trabalhos acadêmicos, como sinônimo dos próprios problemas patológicos que eventualmente são identificados nas estruturas das construções, como fissuras e trincas.

Segundo a NBR 9575 (ABNT, 2003) e a NBR 15575 (ABNT, 2013) as patologias podem ser classificadas em: Microfissuras: com aberturas menores que 0,05 mm; Fissuras: com aberturas menores que 0,5 mm; Trincas: com aberturas maiores que 0,5 mm e menores que 1,0 mm. Já as Rachaduras são classificadas com aberturas maiores 1,0 mm a 1,5mm, dimensões maiores já são identificadas como fenda.

As patologias das edificações identificadas nas construções não se desenvolvem sem causas ou de forma acidental. O trabalho de Trindade (2015)

aponta que as causas para o surgimento das patologias podem ser resultantes de erros nas seguintes etapas: (1) fase de concepção da estrutura, ou seja, na concepção do projeto, devido a um mau planejamento ou falhas técnicas decorrentes da falta de conhecimento ou da negligência; (2) fase de execução da estrutura, ou seja, no processo de construção, e pode ser decorrente da falta de conhecimento do projeto ou da mão de obra desqualificada (3) fase de utilização da estrutura, ou seja, errôneo manuseio da estrutura no que tange à falta de manutenção, seja por desleixo ou por ignorância dos usuários da edificação.

Segundo Gnipper e Mikaldo Jr. (2007), a limitação das possíveis razões e condições características da própria edificação podem ocasionar erros na execução do projeto, e tais erros acarretam porcentagem de patologias variando de 36% a 49%. Já a porcentagem de problemas na execução do projeto pode variar de 19% a 30%, enquanto erros em outros elementos podem ser de 11% a 25%. A forma errada de utilização dos materiais é responsável 9% a 11% de patologias.

Segundo Gnipper e Mikaldo Jr.:

A importância do estudo das patologias construtivas, em particular aquelas relativas aos sistemas prediais em apreço, reside na possibilidade da atuação preventiva, especialmente quando elas têm por causa falhas no processo de produção dos respectivos projetos de engenharia (GNIPPER; MIKALDO JR, 2007, p. 2).

A investigação das origens das patologias permite constatar erros cometidos durante o processo da construção, desde seu planejamento até a manutenção. Desta forma, descobrir a origem da patologia para reconhecer e entender o erro que constituiu o problema é de suma importância (HELENE, 2003). Assim, para que possa haver tratamento das patologias identificadas é necessário investigar as causas que propiciaram tais danos à construção.

Para que o mercado atendesse as especificações necessárias para um modelo que possui qualidade no seu produto final, foi criada uma norma técnica, a NBR 15575 (ABNT, 2013) – Desempenho de edificações habitacionais. Essa norma visa avaliar o produto oferecido por construtoras perante os padrões

mínimos de conforto, estabilidade e vida útil adequada da edificação, segurança estrutural e contra incêndios (CBIC, 2013). Assim, quando uma construção é planejada, o projeto deve atender as normas técnicas exigidas para que a edificação tenha um tempo de vida útil mínimo até que haja a necessidade de realizar as manutenções indispensáveis. Logo, o surgimento de patologias requer o conhecimento sobre suas causas para que as manutenções sejam efetuadas de maneira adequada e coerente com a natureza dessas patologias.

No desenvolvimento de uma edificação é possível que aconteçam várias falhas na execução de alguns processos, como no planejamento, materiais, projeto elaborado e também no canteiro de obras. É necessário que haja coordenação e administração desses projetos buscando novas técnicas para aprimorar a construção civil, agregando também tecnologias que possam melhorar os resultados (HELENE, 2003).

A questão de estudar o terreno e os fenômenos climáticos é importante, pois o projeto da edificação precisa se adequar as especificidades apresentadas no local em questão também das estações do ano, as alterações climáticas podem influenciar no surgimento de patologias, caso não sejam levadas em consideração para a elaboração do projeto (DAL MOLIN, 1988).

Em uma edificação que venha apresentando um quadro de patologias, é viável que seja realizado toda a limpeza necessária, assim, será possível identificar os problemas e defeitos para que esses recebam o tratamento adequado e que a construção tenha o mesmo desempenho anterior ao surgimento dessas patologias (CREMONINI, 1988; CBIC, 2013).

O referencial teórico deixa em evidência que para haver tratamento de patologias na construção civil, aqui elencadas as fissuras e trincas, é imprescindível entender as causas e as origens, assim, direcionando o tratamento adequado para cada particularidade. A tabela a seguir (Tabela 1) resume os principais conceitos utilizados nos estudos das patologias, termos que foram adotados também nessa pesquisa.

Tabela 1 – Principais conceitos utilizados nos estudos sobre patologias.

PATOLOGIA	VIDA ÚTIL	DESEMPENHO	DURABILIDADE
Estuda os sintomas, mecanismos, causas e origens dos danos encontrados na construção civil.	Faz estudos das condições ambientais do local, para que a construção seja feita de acordo com as necessidades apresentadas, mantendo a segurança e a resistência da construção, desta forma, obtendo um tempo de vida útil aceitável, não havendo necessidades de reparos e manutenções prematuras.	Será demonstrado no decorrer da vida útil da construção, no desempenho de cada produto utilizado.	Há um tempo de vida útil esperado para cada obra, de acordo com os estudos necessários de cada local, assim, espera-se que o concreto armado utilizado para o projeto atenda a essas especificidades dentro ou próximo do prazo final da vida útil prevista.

Fonte: Adaptado de Ferreira (2013, pág. 23 e 24).

FISSURAS E TRINCAS

Sobre a aparição de patologias como fissuras e/ou trincas, o autor Junginger (2003) relata que “O tipo de correção a ser executado depende fundamentalmente do tipo de fissura e da sua amplitude de movimentação, ou seja, se sua abertura varia substancialmente quando sob incidência de ações higrotérmicas e/ou de seus efeitos”. As fissuras ainda podem se classificadas em ativas ou inativas. As fissuras que se encontram classificadas como ativas apresentam dificuldades na recuperação, podem ser flexíveis e acumular as deformidades ocasionadas pela atividade da base, ao contrário das fissuras classificadas como inativas, que são de fácil restauração e administração. Mais uma vez fica evidente a grande importância de entender a origem da patologia para a compreensão da sua complexidade e dos reparos necessários a fim de solucionar os problemas.

Veiga (2003) diz que o surgimento de fissuras e trincas na edificação diminui a longevidade dos revestimentos presentes, assim, também afeta o

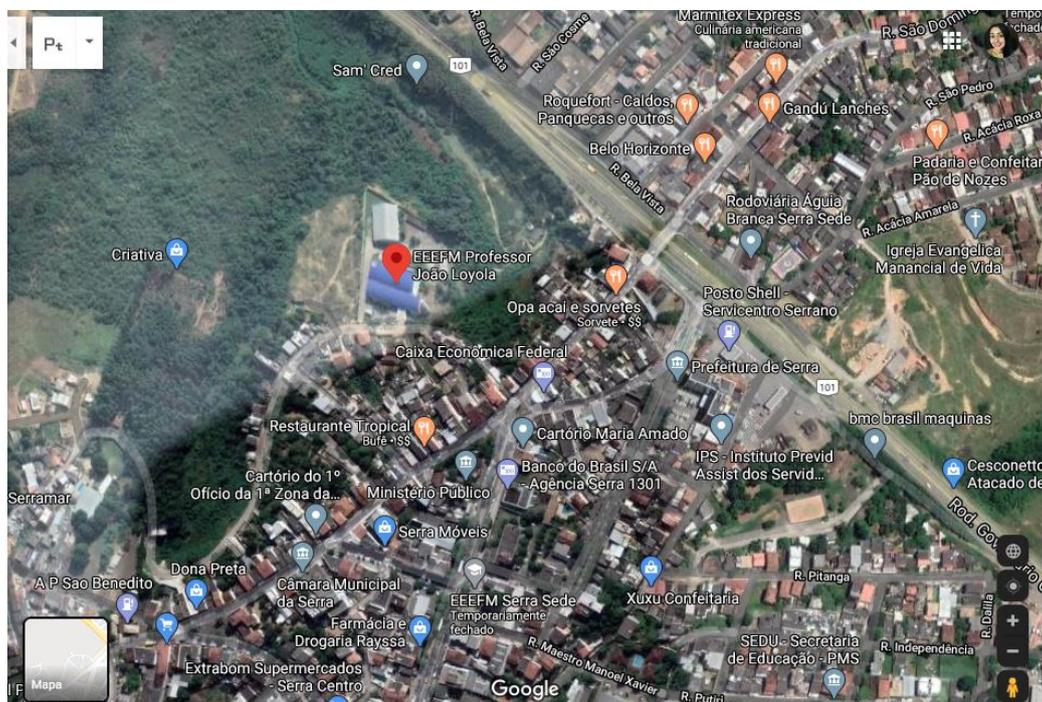
tempo de vida útil da construção. Duarte e Dal Molin (1988) relatam que as fissuras chamam a atenção das pessoas, pois se trata de um problema visível que interfere no sentimento de satisfação em estar naquele ambiente. O aparecimento de fissuras se torna cada vez mais comum em construções de alvenaria e não é restrito apenas ao Brasil, essas patologias abrangem vários outros países.

Sobre a constância de aparecimento de fissuras em construções Duarte (1988), diz que “as fissuras estão incorporadas em nossos prédios”. Ou seja, é muito comum encontrar esse tipo de patologia, pois é possível visualizá-las nas fachadas de edifícios, o que causa muito desconforto as pessoas que fazem uso desses estabelecimentos, então, surge a insegurança. Mas, felizmente as fissuras e trincas não comprometem a estrutura dos prédios, normalmente são prolongadas e estreitas, danificam azulejos, pinturas e massa corrida.

METODOLOGIA E MÉTODO DE PESQUISA

As observações das patologias ocorreram no prédio da na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor João Loyola, localizada na Rua Barnabé do Nascimento Neves, S/N, Serra – ES, CEP: 29176-035, possui 3 pavimentos, sendo o 1º andar e subsolo 1 e 2, com área construída de 2.100m². Ver localização geográfica na Figura 1. De acordo com documentos que constam na escola, sua construção teve início no primeiro semestre de 2010 com o prazo para entrega de 480 dias. Sua entrega foi postergada pelo não cumprimento dos prazos pré-estabelecidos por várias vezes, concretizando-se totalmente após 2.099 dias de seu início, no ano de 2016. Assim, considerando que a edificação foi entregue a pouco tempo, se houve um estudo aprofundado do terreno e a construção foi feita de acordo com as especificidades do local, a edificação não deveria apresentar um cenário visível de patologias como fissuras e trincas.

Figura 1 – Localização geográfica da referida escola



Fonte: Google, Maps (2020)

Diante do constatado, visando uma organização mais didática dessa pesquisa, o percurso metodológico se deu em duas etapas. A primeira, realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas e questionário, o objetivo é a compreensão das causas das patologias identificadas no prédio. A segunda etapa foi caracterizada por uma pesquisa bibliográfica com ampla revisão da literatura, visando à identificação dos tratamentos viáveis para as patologias identificadas (de acordo com sua origem), bem como as possíveis consequências oriundas do não tratamento adequado dessas patologias.

No primeiro momento, devemos identificar em qual categoria se encontram as patologias observadas na estrutura do prédio em questão (fissuras e trincas). Serão utilizadas, como parâmetro, as diretrizes da NBR 9575 (ABNT, 2003), considerando a abertura quanto ao mm de cada uma. Dependendo do caso, o tratamento pode ser de fácil aplicabilidade e também de baixo custo.

Na 1ª etapa: investigação das causas das patologias – A investigação das causas que originaram essas patologias aconteceu através de conversa por telefone com o setor de Engenharia da Secretaria Estadual de Educação.

Etapa 2: análise das possíveis consequências das patologias identificadas e dos tratamentos viáveis – Com os dados obtido na 1ª etapa, foi possível analisá-los e também as fotos que foram tiradas para efeito de investigação das patologias encontradas: fissuras e trincas, para que em contrapartida, caso haja algum problema mais grave num futuro distante ou próximo, este possa ser conduzido com mais rapidez e eficácia.

Segundo Gnipper e Mikaldo Jr. (2007), a limitação das possíveis razões e condições características da própria edificação podem surgir patologias, sendo, 36% a 49% - erros na execução do projeto, 19% a 30% - problemas na execução do projeto, 11% a 25% - erros em outros elementos e 9% a 11% - forma errada de utilização desses elementos. Segue abaixo figura 1, 2 e 3, 4, 5 onde é possível constatar as patologias.

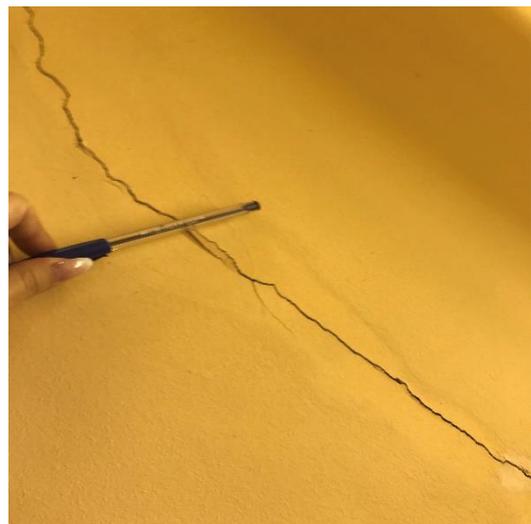
Nas Figuras 2(a) e 2(b), 3(a) e 3(b), 4(a) e 4(b), 5(a) e 5(b), 6(a) e 6(b), 7(a) e 7(b), 8(a) e 8(b), 9(a) e 9(b), 10(a) e 10(b) com a imagem abrangente na parte (a) e aproximada na parte (b), pode ser observado e constatado um tipo de fissura inativa, que possivelmente surgiu por não haver nenhum tipo de prevenção ou manutenção durante o longo período de espera para conclusão da obra e também pós entrega.

Figura 2 - 2(a) e 2(b) – Corredor localizado na área administrativa, 1º andar

2(a) foto abrangente da fissura:



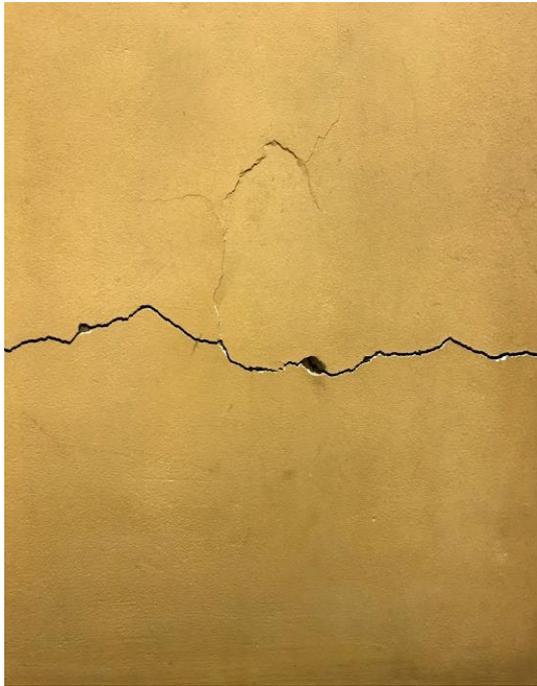
2(b) foto aproximada da fissura:



Fonte: Autoria própria, 2020.

Figura 3 - 3(a) e 3(b) – Corredor localizado na área administrativa, 1º andar

3(a) foto abrangente da fissura:



3(b) foto aproximada da fissura:



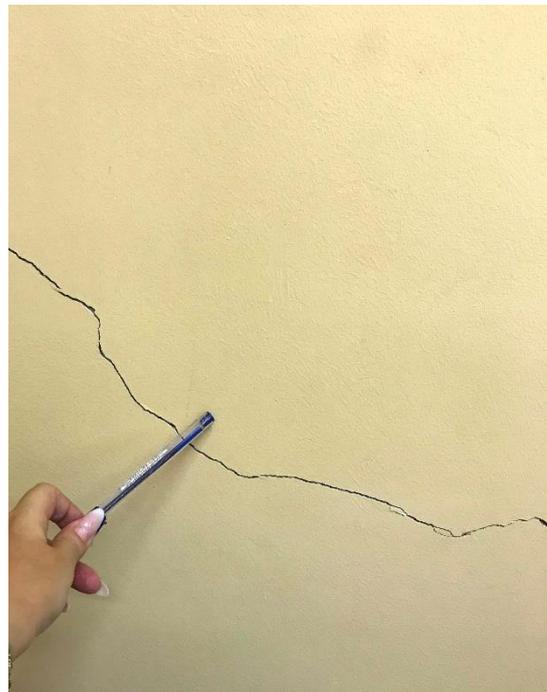
Fonte: Autoria própria, 2020.

Figura 4 - 4(a) e 4(b) – Atrás da porta da secretaria escolar, localizada na área administrativa, 1º andar

4(a) foto abrangente da fissura:



4(b) foto aproximada da fissura:



Fonte: Autoria própria, 2020.

Figura 5 - 5(a) e 5(b) – Sala da Coordenadora Pedagógica, localizada no 1º andar

5(a) foto abrangente da fissura:



5(b) foto aproximada da fissura:



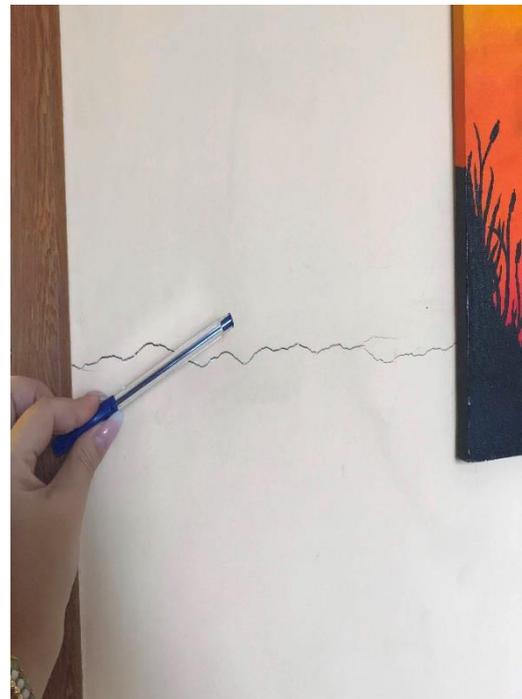
Fonte: Autoria própria, 2020.

Figura 6 - 6(a) e 6(b) – Sala da Coordenadora Pedagógica, localizada no 1º andar

6(a) foto abrangente da fissura:



6(b) foto aproximada da fissura:



Fonte: Autoria própria, 2020.

Figura 7 - 7(a) e 7(b) – Corredor localizado no subsolo 2

7(a) foto abrangente da fissura:



7(b) foto aproximada da fissura:



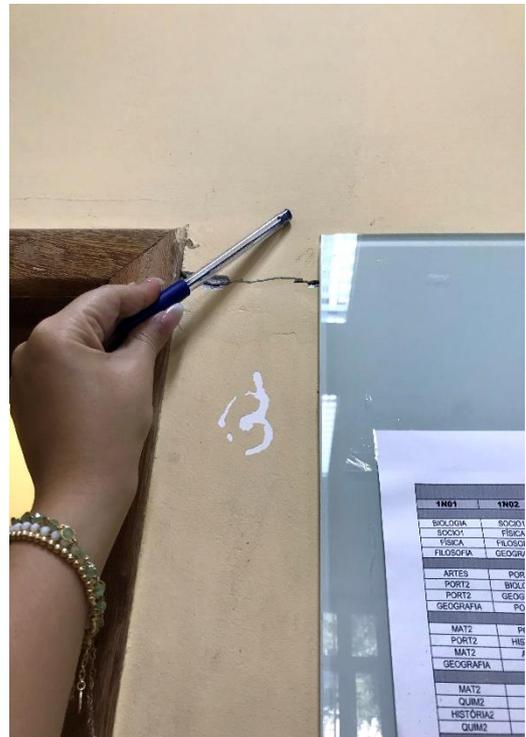
Fonte: Autoria própria, 2020.

Figura 8 - 8(a) e 8(b) – Sala dos professores, localizada no 1º andar

8(a) foto abrangente da fissura:



8(b) foto aproximada da fissura:



Fonte: Autoria própria, 2020.

1ºS1	1ºS2
BIOLOGIA	SOCIO1
SOCIO1	FÍSICA
FÍSICA	FILÓSOFIA
FILÓSOFIA	GEOGRAFIA
ARTES	PORT2
PORT2	BIOLOGIA
PORT2	GEOGRAFIA
GEOGRAFIA	FÍSICA
MAT2	PORT2
PORT2	MAT2
MAT2	GEOGRAFIA
MAT2	QUÍM2
QUÍM2	HISTÓRIA2
HISTÓRIA2	QUÍM2

Figura 9 - 9(a) e 9(b) – Sala de aula localizada no subsolo 2

9(a) foto abrangente da fissura:

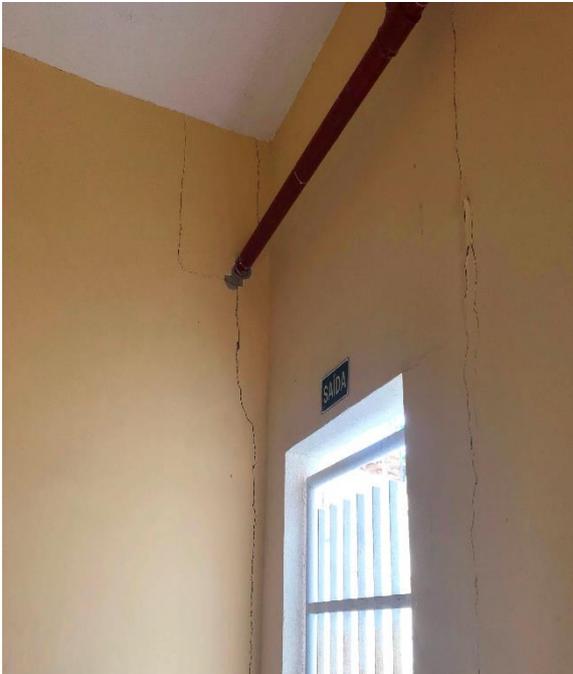


9(b) Foto aproximada da fissura:



Fonte: Autoria própria, 2020.

Figura 10 - 10(a) e 10(b) – Corredor localizado no subsolo 2



RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com setor de Engenharia da Secretaria Estadual de Educação, no terreno onde se encontra a edificação da Escola, todos os procedimentos foram realizados, e que o solo encontrado continha uma camada de argila, sendo que, todo o terreno recebeu 20cm de adensamento mecânico, seguindo as normas de compactação de acordo com o previsto na NBR 7182 (ABNT, 1986). Sobre a qualidade dos materiais utilizados, não souberam informar.

De acordo com Sahade (2005) para que seja possível realizar a recuperação das fissuras é indispensável investigar a deformação que houve na estrutura, as fundações, se há grande absorção de umidade do ar e as movimentações térmicas do local, e também a qualidade dos materiais utilizados.

A partir dos dados em mãos, sendo eles, fotos, respostas do setor de engenharia, visitas técnicas, e com análise, é possível chegar à conclusão que, levando em consideração que obra teve início em 2010 e que só foi entregue em 2016, pode-se entender que boa parte da construção ficou um grande prazo exposto ao tempo, sem a devida finalização, contudo, não é possível dizer ao certo, qual foi esse tempo de exposição e em que etapa a obra estava quando foi reiniciada.

Desta forma, fica explícito que a demora em concretizar a obra contribuiu para minimizar o seu tempo de retorno para as devidas manutenções. É importante ressaltar que a edificação foi entregue há pouco tempo, porém, durante anos sua estrutura já estava finalizada aguardando apenas os acabamentos, assim, isso favoreceu para o aparecimento precoce de patologias como fissuras e trincas após a entrega do prédio.

Nas Figuras 3(a) e 3(b), 4(a) e 4(b), 8(a) e 8(b) observa-se a presença de trincas, sendo essas com representatividade de 0,5mm a 1,0mm de abertura, assim, deixa claro que o grau de gravidade é maior, elas podem ser originadas a partir da dilatação das lajes provocada pela variação de temperatura, com isso, acontece o cisalhamento nas paredes. Esse tipo de fissura é predominante em paredes longas (o que se aplica ao caso apresentado), pois há grande movimentação térmica das lajes, surgindo fissuras horizontais onde sua inclinação pode chegar a 45 graus em direção ao teto, nas paredes transversais.

Já nas figuras 6(a) e 6(b), 9(a) e 9(b) pode-se identificar que há fissuras compridas e finas que não apresentam muita profundidade, desta forma, presumi que tais fissuras estejam comprometendo apenas as camadas de massa corrida e pintura, sua abertura, de acordo com as normas, é representada por até 0,5mm, elas podem ser provenientes do encolhimento da argamassa, o que pode ocasionar fissuras que chegam próximo ao ângulo de 90 graus.

O tipo de fissura apresentado nas Figuras 8(a) e 8(b) geralmente é proveniente da concentração de tensões que há em torno dos vãos das esquadrias, sendo que é comum esse aparecimento de fissuras, tanto nos vãos de portas, como também nos vãos de janelas, sua origem se dá pela o encurtamento da laje, o que causa um retração, assim, surgem esse tipo de fissura.

Nas Figuras 10(a) e 10(b) também há trincas entre 0,5mm a 1,0mm, esse tipo de fissura pode ocorrer a partir dos carregamentos desbalanceados, ou seja, na fundação, as vigas existentes podem ser bastante flexíveis, desta forma, em regiões próximas as aberturas, como janelas e portas haverá concentrações maiores, pois os carregamentos nesse tipo de fissura se exibem verticalmente.

Para realizar o tratamento das patologias apresentadas: fissuras e trincas propõe-se que haja uma base atribuída por revestimento, concreto ou alvenaria de vedação, assim, dar-se-á a regulamentação dessa superfície para receber os outros materiais necessários para conclusão do tratamento.

Conforme Lordsleem (1997, p. 68) “alguns sistemas de recuperação são constituídos apenas por um sulco retangular ou em forma de “V”, preenchidos com um selante flexível, no que seria a camada de regularização ou a base. É necessário que a fissura se movimente livremente”.

Seguindo a metodologia de Thomaz (1989), recomenda o uso de sulco retangular de 20mm de largura e 10mm de profundidade, e deve-se dessolidarizar o selante aplicado na fissura por uma fita de polipropileno. Esses cuidados são tomados para que a camada de regularização não concentre tensões, distribuindo-as ao longo dos 20mm de largura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No artigo apresentado abordou-se alguns tipos de patologias encontradas numa edificação, onde funciona uma escola da rede estadual de Serra-ES. As patologias como fissuras e trincas são encontradas em edificações que podem ser antigas ou até mesmo recentes, como é o caso aqui apresentado. Geralmente surgem, pois o local não recebeu a manutenção no tempo certo de retorno ou foi utilizado materiais de baixa qualidade, pode acontecer também devido ao alívio de tensões das lajes e paredes.

Na referida edificação foram encontradas fissuras e trincas, por se tratar de um prédio com finalização recente, houve investigação para entende melhor o surgimento de tais patologias (registros em fotos supracitadas), desta, forma, aconteceu visita na escola para averiguação do caso e conversa via telefone com o setor responsável por obras na Secretaria Estadual de Educação.

A partir do embasamento teórico e após análise dos dados coletados, entende-se que as patologias encontradas não comprometem a edificação, mas caso não haja a manutenção necessária, é possível que futuramente possa haver debilitações para o bom funcionamento do prédio. De acordo com as normas técnicas toda a edificação precisa ser analisada e caso necessite, é importante realizar os reparos fundamentais, essas orientações devem ser seguidas para que a vida da edificação e das pessoas que ali frequentam não esteja em risco.

Para efetuar os reparos no prédio, não é necessário realizar a evacuação, pois a maioria dessas correções acontecerão em áreas administrativas, onde o fluxo de pessoas é pequeno, mas como o atual cenário é de isolamento social e a escola encontra-se vazia, esse momento seria viável e propício para essa atividade, pois evitaria possíveis transtornos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9575**: Impermeabilização: Seleção e Projeto. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 7182**: Ensaios de compactação. Rio de Janeiro, 1986.

CBIC, Câmara Brasileira da Indústria da Construção. **Desempenho de edificações habitacionais**: Guia orientativo para atendimento à norma ABNT NBR 15575/2013. 2ª ed. Brasília, Gadioli Cipolla Comunicação, 2013.

CREMONINI, Ruy Alberto. **Incidência de manifestações patológicas em unidades escolares da região de Porto Alegre**: Recomendações para projeto, execução e manutenção. Porto Alegre, 1988. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/>>. Acesso em: maio de 2019.

DAL MOLIN, D.C.C. Fissuras em concreto armado com incidência significativa no estado do RGS: suas causas e medidas de prevenção. In: SEMINÁRIO SOBRE DO CARMO, Paulo Obregon. **Patologia das construções**. Santa Maria, Programa de atualização profissional – CREA – RS, 2003.

DUARTE, R. B. Correção de fissuras em alvenaria. In: SEMINÁRIO SOBRE MANUTENÇÃO DE EDIFÍCIOS. **Anais...** Porto Alegre: CPGEC/UFRGS, set. 1988. P.87-98.

FERREIRA, D. O. **Levantamento das causas de Patologias na Construção Civil**. Dissertação (Dissertação em engenharia civil) – UFRJ. Rio de Janeiro, p. 23 e 24, 2013.

GNIPPER, Sérgio F.; MIKALDO JR. Jorge. **Patologias frequentes em sistemas prediais hidráulicosanitários e de gás combustível decorrentes de falhas no processo de produção do projeto**. Curitiba, 2007. Disponível em: <www.cesec.ufpr.br/workshop2007/Artigo-29.pdf>. Acesso em: maio 2019.

HELENE, Paulo R. Do Lago. **Manual de reparo, proteção e reforço de estruturas de concreto.** São Paulo, Red Rehabilitar, 2003. Disponível em: <<http://Paulo%20Helene%20%E2%80%93%20Manual%20Pr%C3%A1tico%20para%20Reparo%20e%20Refor%C3%A7o%20de%20Estruturas%20de%20Concreto%20.pdf>>. Acesso em: mar. 2020.

JUNGINGER, M. **Correção de fissuras em alvenaria de vedação:** Estudo de caso. 2003. Disponível em: <https://www.eec.ufg.br/up/140/o/>. Acesso em: fev. 2020.

MANUTENÇÃO DE EDIFÍCIOS. **Anais...** Porto Alegre: CPGEC/UFRGS, Set. 1988. p. 155-165.

NAZARIO, Daniel; ZANCAN, Evelise C. **Manifestações das patologias construtivas nas edificações públicas da rede municipal e Criciúma:** Inspeção dos sete postos de saúde. Santa Catarina, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/handle/1/151/Daniel%20Nazario.pdf?sequence=1>>. Acesso em: fev. 2020.

PINTO, J. A. N.; JOBIM, M.S.; PINTO, A.R.; OLIVEIRA, G.G. Levantamento de patologias em núcleos habitacionais de Santa Maria, S. In: SIMPÓSIO SOBRE PATOLOGIA DAS EDIFICAÇÕES – PREVENÇÃO RECUPERAÇÃO. **Anais...**, Porto Alegre, 1989. p. 229 - 250.

SOUZA, Vicente Custódio de; RIPPER, Thomaz. **Patologia, recuperação e reforço de estruturas de concreto.** 1ª ed. São Paulo, Pini, 1998.

THOMAZ, E. **Trincas em edifícios:** causas prevenção e recuperação. São Paulo: PINI, 1989. 189p.

TRINDADE, D. S. **Patologia em estruturas de concreto armado.** 2015. 88f. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2015. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/engcivil/images/PDF/2_2015/TCC_DIEGO%20DOS%20SANTOS%20DA%20TRINDADE.pdf>. Acesso em: mar. 2020.

VEIGA, M.R. Comportamento de argamassas de revestimento de paredes. In: V SIMPÓSIO BRASILEIRO DE TECNOLOGIA DAS ARGAMASSAS, 2003, São Paulo. **Anais...**, São Paulo: EPUSP-PCC/ANTAC. 2003, v.1, p. 63-93.

A MUSICALIZAÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: UM ESTUDO DE REVISÃO

Cruz, Geisielly da Silva¹

Siqueira Lima, Leandro²

RESUMO

O texto trata da importância da musicalização no ensino fundamental I por meio da realização de um estudo de revisão. Tendo como objetivo principal aumentar os conhecimentos sobre o trabalho pedagógico com a música no ensino fundamental I discute brevemente a história da música, as vantagens do trabalho com a música com estudantes do ensino fundamental I e as necessidades de melhoria nesse processo. Como resultados apresenta que: a música é alvo de preocupação como objeto formativo desde a Grécia Antiga e, desde o advento da República em solo brasileiro; podem ser listados vários benefícios práticos para o ensino da música como o entretenimento ou a aprendizagem de outros conteúdos; a música pode contribuir com a formação integral dos sujeitos, a aprendizagem de outras maneiras de sentir, de pensar e até de agir, incentivar a criatividade e a autonomia desses sujeitos e melhorar na regulação das emoções, dentre outras questões. Conclui pela importância do ensino da música para os alunos do ensino fundamental I, mas, devido a falta do professor especialista de música para trabalhar com esse tipo de linguagem artística nas escolas da educação básica, sugere que: as redes de ensino invistam na formação continuada de suas professoras; seja realizada uma mudança nos currículos das instituições de ensino superior que formam novas professoras regentes; os pesquisadores das universidades continuem realizando estudos que não apenas compreendam a realidade investigada, mas que ajudem na realização de mudanças para a realização de um ensino de música mais crítico, tornando as docentes mais capazes de formar sujeitos críticos e emancipados.

PALAVRAS CHAVES: Música; Ensino fundamental; Prática pedagógica.

ABSTRACT

This paper deals with the importance of musicalization in elementary school I through a revision study. Having as main objective to increase the knowledge about the pedagogical work with the music in the elementary school I briefly discusses the history of the music, the advantages of the work with the music with students of the elementary school I and the necessities of improvement in this process. As a result it presents that: music has been a target of concern as a formative object since Ancient Greece and, since the advent of the Republic on Brazilian soil; various utilitarian benefits for teaching music can be listed, such as entertainment or the learning of other content; music can contribute to the integral formation of subjects, the learning of other ways of feeling, thinking and even acting, encouraging the creativity and autonomy of these subjects and improving the regulation of emotions, among other issues. He concludes by the importance of teaching music to students of elementary school I, but, due to the lack of a specialist music teacher to work with this type of artistic language in primary schools, he suggests that: education networks invest in continuing education of their teachers; a change is made to the curricula of higher education institutions that train new teachers; university researchers continue to carry out studies that not only understand the investigated reality, but that help in making changes for more critical music education, making teachers more capable of forming critical and emancipated subjects.

KEYWORDS: Music; Elementary School; Pedagogical practice.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Multivix-Cariacica (ES).

² Doutor em Letras e docente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Multivix.

INTRODUÇÃO

O presente artigo corresponde a um estudo de revisão que busca discutir a importância do trabalho com música no ensino fundamental I por parte das professoras não especialistas dessa área de conhecimento. Para Moreira, Santos e Coelho (2014, p. 41) “A importância da música como disciplina é um assunto relevante desde a antiguidade, pois a formação musical oferece o auxílio ideal para o desenvolvimento psíquico e emocional de crianças e jovens [...]”. Para Takatsu (2016, p. 54) “O professor que se dedica a ensinar artes em escolas deve saber que o trabalho com arte não está restrito ao desenvolvimento de atividade que libera a espontaneidade da criança ligada às suas emoções”. Em sentido oposto cabe às professoras usar a linguagem artística para ajudar seus alunos a construir seus conhecimentos (TAKATSU, 2016).

Chama a atenção, contudo, a questão da formação dos professores quando passamos a pensar no ensino de música no ensino regular (FIGUEIREDO; ALBERTI, 2009), uma vez que, segundo Figueiredo e Rosa (2008) a música dificilmente é compreendida como uma área do conhecimento que apresenta conteúdos próprios. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional o ensino de arte aparece citado como componente curricular da educação básica, sendo a música uma das linguagens que devem compor o ensino nessa área do conhecimento:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

[...]

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica.

[...]

§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo (BRASIL, 1996).

Apesar de constar o ensino de música na educação básica, não há qualquer obrigatoriedade da presença do professor de música para tal, motivo pelo qual as professoras regentes³ (como chamamos na Grande Vitória as docentes formadas em

Licenciatura em Pedagogia e que trabalham do 1º ao 5º ano do ensino fundamental os conteúdos: matemática, língua portuguesa, geografia, história, ciências) acabam trabalhando com a música a partir de diversas perspectivas distintas e da maneira que bem entendem (MOREIRA; FIGUEIREDO, 2007).

Na opinião de Figueiredo e Pereira (2009, p. 424) “A liberdade de organização curricular não pode prescindir de orientações que auxiliem os profissionais da educação em suas tarefas de construção dos currículos escolares”. É por essa falta de clareza a respeito do trabalho com música no ensino fundamental I, especialmente suas vantagens que optei por construir o presente texto que se justifica por meu interesse em preencher essa lacuna.

O objetivo geral do estudo é aumentar os conhecimentos sobre o trabalho pedagógico com a música no ensino fundamental I. Os objetivos específicos são: compreender um pouco da história da música como mecanismo educacional; investigar as principais vantagens de se trabalhar com a música no ensino fundamental I; apontar necessidades de melhoria para que a música possa ser bem trabalhada no ensino fundamental I. Mas antes de tratar dessas questões é preciso fazer um breve, mas necessário resgate da história do ensino de música no Brasil e no mundo.

UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DA MÚSICA

De acordo com Takatsu (2016, p. 25), “O ensino de música no Brasil é considerado importante desde o século XVI, com a chegada dos jesuítas, ainda no período colonial [...] o projeto pedagógico vigente na época trazia o ensino de música como disciplina obrigatória”. Segundo Moreira, Santos e Coelho (2014, p. 45),

Antigamente, a música era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos, ao lado da Matemática e Filosofia. A música no contexto da educação vem ao longo de sua história, atendendo a vários propósitos, como formação de hábitos, atitudes e comportamentos: lavar as mãos antes do lanche, escovar os dentes, a memorização de conteúdos, números, letras etc., traduzidos em canções.

³ Vale destacar que estou falando de professoras em virtude dessa função docente ser ocupada quase que em sua totalidade por mulheres.

Para Takatsu (2016), com o advento da República no país ocorreu uma importante diversificação nas artes nacionais, especialmente no musical, evidenciada em clubes e sociedades. A criação de concertos as interpretações de músicas europeias foram valorizadas o que gerou o desenvolvimento de diretrizes que serviram para regulamentar e regularizar o ensino de música em solo nacional. Segundo Morila (2016, p. 2) “No início do período republicano no Brasil parecia haver um consenso: a educação musical era importante para o desenvolvimento do país”.

Mas muito antes disso a música já era considerada um importante elemento na formação dos cidadãos na Grécia Antiga uma vez que, segundo Cerqueira (2011), a música era responsável pela constituição da virtude beleza-bondade, considerada, naquela época, o maior bem que o cidadão poderia carregar consigo. Isso porque acreditava-se que a formação em música contribuiria de maneira substancial na aprendizagem do significado da beleza, da diferenciação do bem e do mal e na incorporação do sentimento e do desejo de justiça. Para Aristóteles a educação musical servia para formar moralmente o cidadão grego. Isso era tão sério que esse filósofo chegava a apontar qual seria o estilo de música adequado para cada grupo de indivíduos (CERQUEIRA, 1996).

A música era vista como um elemento tão importante quanto os métodos ginásticos do período arcaico grego. Ela chegava a ser fornecida antes da matemática, da literatura e da escrita:

Na escola tradicional, estabelecida no final do período arcaico, ensinavam-se ao jovem a música e a ginástica (Pl. *Criti.* 50d). Somente mais tarde foram incorporados outros ensinamentos, que incluíam escrita, literatura e matemática. O menino de condição livre, filho de cidadão, devia freqüentar uma escola, pois isso o ajudava a se projetar, quando adulto, na comunidade de cidadãos, conferindo-lhe ao mesmo tempo *status* e qualificação (CERQUEIRA, 2011, p. 80).

Para Marinheiro e Pereira (2017, p. 2):

Na Grécia, a educação era centrada na formação do indivíduo, visando o seu desenvolvimento completo, a fim de atingir seu máximo de virtude, e a música era obrigatória e fazia parte de todas as etapas da educação. Eles acreditavam que a música tinha poderes para suavizar costumes e direcionar a formação do caráter.

Voltando ao contexto brasileiro, sabe-se que o ensino de música que foi adotado no Brasil, no período da República, era mais voltado para ensinar a técnica e preocupava-se com o modo certo de produzir músicas como podemos constatar na citação a seguir:

Cremos que os coros para as escolas modelos, devem ser muito simples, quase populares, porque se trata geralmente de alunos de tenra idade; os da escola normal ao contrário, devem ser mais sérios, não no estilo fugato, quando a letra não comporta, porém no gênero mais variado: - a duas, tres e mesmo quatro partes. Convém que se de uma instrução sólida a esses alunos, banindo as composições de pessoas incompetentes; representando mesmo ao governo nesse sentido, pedindo para que as composições que tenham de ser exibidas nessas escolas, sejam aprovadas por uma comissão especial, a fim de evitar-se o descalabro, como tive ocasião presenciar numa das festas últimas. (A Música para todos, 1898, p. 452 apud MORILA, 2016, p. 3).

Vale destacar que a perspectiva de ensino de música apontada por Morila está léguas de distância das práticas pedagógicas adotadas atualmente como Swanwick (2014, p. 30) nos mostra a seguir:

Durante os últimos quarenta anos aproximadamente, uma perspectiva alternativa da educação musical tem ganhado espaço, uma teoria que enfatiza as qualidades de 'expressão', 'sentimento' e 'envolvimento', deslocando nossa atenção do aluno como 'herdeiro' para o aluno como 'apreciador', 'explorador', 'descobridor'.

Como é possível perceber são muitas as possibilidades de se trabalhar com a música em virtude de diversas vantagens que sua aprendizagem pode trazer para os alunos. É sobre essas contribuições para a aprendizagem e para o desenvolvimento dos alunos que a música traz que tratarei a seguir.

PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

O trabalho com a música pode ser realizado envolvendo diversas proporções e perspectivas. Na opinião de Loureiro (2003, p. 13):

É prática comum nas escolas, principalmente nas séries iniciais, ouvir música na entrada e na saída do período escolar, no recreio e ainda, de forma

bastante acentuada, nos momentos de festividades que obedecem a um calendário com datas a serem comemoradas pela comunidade escolar [...].

Trata-se de um uso acessório e muito pouco pedagógico da música. Outra forma acessória, mas um pouco mais pedagógica, de se usar a música no ensino fundamental é apresentada por três diferentes estudos como será visto a seguir. No primeiro aponta-se a possibilidade de se ensinar conteúdos da biologia por meio da construção e memorização de paródias:

As paródias musicais podem ser direcionadas ao ensino de biologia. As mesmas podem ser produzidas pelos estudantes ou pelos mediadores, sendo construídas com intuito dos alunos aprenderem o conteúdo aplicado de uma maneira lúdica e descontraídas as paródias também são importantes para incentivar o trabalho em grupo, onde os estudantes discutem, aprendem e formam ideias em conjunto, tendo assim, um resultado positivo numa possível avaliação (SILVA *et al.*, 2017, p. 1).

No segundo as operações matemáticas básicas são ensinadas por meio de uma canção:

A partir da observação no ambiente escolar, se fez necessária a criação de uma nova ferramenta de auxílio nas aulas de matemática no que diz respeito às quatro operações fundamentais: Pensando nisso, surgiu a proposta do jogo “A música X”, que se apresenta com o objetivo de ajudar no desenvolvimento da aprendizagem do aluno nas operações de adição, subtração, multiplicação e divisão. A ferramenta mencionada acima consiste em fichas numeradas abordando problemas contextualizados sobre as operações fundamentais da matemática usando música (SILVA, 2017, p. 3).

No terceiro e último a construção de paródias é apontada como recurso que pode ser usado por toda e qualquer disciplina escolar:

[...] inúmeras são as estratégias metodológicas que podem ser utilizadas em sala de aula para aperfeiçoar o ensino e assim fazer com que as informações sejam passadas aos alunos da melhor forma possível. Dentre estas, destacaremos em nosso trabalho as paródias musicais que são um recurso pedagógico que pode ser utilizado no ensino fundamental, médio e também no ensino superior, nas mais diferentes áreas do conhecimento (BARBOSA *et al.*, 2017, p. 2).

Muitas críticas podem ser feitas para um uso tão superficial da música no espaço escolar, mas é inegável que ela entrega o que promete. Ilari (2013) aponta que dentre as justificativas apontadas pelos pais dos alunos que querem que seus filhos aprendam música na escola ou fora dela encontramos: estudar música ajuda na aprendizagem da matemática e/ou de uma língua estrangeira; a música auxilia no desenvolvimento da

concentração e da memória. Isso decorre do entendimento que “No contexto escolar, a música ensina o indivíduo a ouvir e a escutar de maneira ativa e refletida. Não significa que a música se torne o único recurso de ensino, mas de que forma pode facilitá-lo, pois o aluno convive com ela desde muito pequeno” (MOREIRA; SANTOS; COELHO, 2014, p. 42). Em ambas afirmações estão implícitas as ideias de que o desenvolvimento de habilidades musicais levará ao desenvolvimento de habilidades de outros domínios.

Para Veloso (2020) essas afirmações encontram justificativa em diversos estudos das neurociências que indicam que existem diferenças anatômicas no cérebro de músicos em comparação com o cérebro de não músicos. No que tange a benefícios “mais plenos” e menos práticos que o ensino de música pode trazer para os alunos do ensino fundamental temos a contribuição para a formação integral desses sujeitos (FIGUEIREDO; ROSA, 2008).

Importante frisar que o ensino de música serve não apenas para desenvolver habilidades específicas, mas também para contribuir com que esses alunos assumam outras maneiras de sentir, de pensar e até de agir (DEL BEN, 2002); pode incentivar a criatividade e a autonomia desses sujeitos (ANTUNES et al., 2015; MARINHEIRO; PEREIRA, 2017). “A música também proporciona um importante modo de expressão pessoal. Todos sentimos a necessidade de estar em contato com os nossos parceiros e amigos. A autoestima é um subproduto desta expressividade” (MOREIRA; SANTOS; COELHO, 2014, p. 43).

Na opinião de Veloso (2020, p. 12) quando estudamos e/ou apreciamos música “melhoramos e regulamos deliberadamente nossa vida emocional. Um exemplo é quando, em uma situação de apreciação musical, selecionamos uma música com a pretensão de mudar ou reforçar nosso estado emocional momentâneo”. Opinião parecida com a de Ferreira (2012, p. 17), para quem “Nunca devemos esquecer que a música é, além da arte de combinar os sons, uma maneira de exprimir-se e interagir com o outro, e assim devemos compreendê-la”.

Para Faria e Santos (2017, p. 2) o trabalho com música pode servir de apoio para outras áreas: “Práticas educacionais realizadas de forma conjunta com a música aumentam os estímulos para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor contribuindo assim para a formação de sua personalidade”. Silva e Monteiro Júnior (2017, p. 3) entendem que no trabalho com a música é possível ensinar valores (interação humana, disciplina), além de estimular o desenvolvimento da linguagem dos alunos. Já Silva, Araújo e Sena (2017) acreditam que a música pode aproximar professores e alunos.

Para Ilari (2013) antes de se pensar em algo, o ensino da música deve focar no desenvolvimento da inteligência musical de crianças e adolescentes por si mesma, enquanto Veloso (2020, p.69) aponta que “Evidências sugerem que as aulas de musicalização podem ser tão motivadoras quanto as atividades de performance musical, considerando o papel fundamental que a ação docente exerce no engajamento dos aprendizes em semelhante contexto”.

Apresentadas as contribuições que o ensino de música pode trazer para os estudantes do ensino fundamental partirei para discutir a principal dificuldade nesse processo: a insuficiente formação das professoras para atuarem satisfatoriamente em sala de aula.

PROBLEMAS PARA A MÚSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Nem tudo são flores no ensino de música haja vista que Del Ben (2002, p. 17) identifica a “desvalorização da música como disciplina curricular, as condições precárias para a realização do ensino de música nas escolas, sua falta de sistematização e fundamentação teórica ou aqueles referentes à formação dos professores de música”.

Para alterar essa situação

[...] é importante que as escolas promovam a formação continuada de seus professores para oferecer um ensino de qualidade e atualizado. Os professores precisam ter a oportunidade de saber sobre as melhores formas de promover o ensino e compreender o quanto o trabalho com musicalização infantil é importante para o cognitivo da criança e contribui para que as aulas sejam mais atraentes e atrativas (ANTERO; SOUSA; ANTERO, 2017, p. 1).

Uma boa maneira de se construir esse tipo de formação é ter sempre em mente algumas perguntas feitas por Swanwick (2014), realizadas para o âmbito das artes de uma maneira mais geral, mas que cabem perfeitamente ao ensino da música. São elas: Qual o objetivo e o propósito da música? São elas atividades que devem dar prazer? Como avaliar no ensino de música? Quais propósitos devem ser seguidos na busca por educar em e sobre música?

Mais do que tentar achar respostas infalíveis, a formação continuada das professoras que trabalharão com música deve “[...] propiciar aos alunos os instrumentos para a produção artística, com diferentes estilos e diversos tipos de materiais, enriquecendo as experiências. Além disso, o aluno deve ser capaz de apreciar uma obra de arte e refletir sobre seu produto” (TAKATSU, 2016, p. 54).

O professor também precisa ter em mente que suas “decisões curriculares, [a] escolha de atividades de sala de aula, [os] estilos de ensino e modos de avaliação dependem da formulação e do tom de voz da nossa resposta à pergunta: ‘Por que as artes?’, ‘Por que esta arte?’” (SWANWICK, 2014, p. 57). Além disso, é preciso se perguntar constantemente: “Através de quais princípios de seleção crítica devem se avaliar quais atividades musicais específicas são dignas de um lugar no currículo, dadas as limitações de tempo? Como se deve viabilizar tal currículo?” (SWANWICK, 2014, p. 24). Como é possível perceber não são questões triviais e que precisam ser discutidas e tratadas entre os professores das escolas constantemente para que se tenham respostas mínimas e não definitivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível perceber a música é objeto de preocupação desde, pelo menos, a Grécia Antiga, chegando a ser alvo das políticas governamentais brasileiras desde o advento da República. Sua importância é grande, mesmo quando a música é ensinada na escola a partir de perspectivas práticas como entretenimento ou para ensinar outros conteúdos (memorização de fórmulas e regras, a aprendizagem de uma língua estrangeira, o desenvolvimento da concentração e da memória).

Como benefícios menos práticos que vimos que o ensino de música pode trazer para os alunos do ensino fundamental I temos a contribuição para a formação integral dos sujeitos, a aprendizagem de outras maneiras de sentir, de pensar e até de agir, o incentivo à criatividade e autonomia desses sujeitos e a melhoria e a regulação das emoções.

De acordo com os autores visitados para a escrita deste trabalho o desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor e da personalidade também podem ser alcançados quando a música é bem trabalhada no ensino fundamental I, além do ensinamento de valores

humanos como a interação e a disciplina e, até mesmo, a aproximação entre professores e alunos.

Não havendo dúvidas quanto à importância da música para os alunos do ensino fundamental I, e devido à ausência de uma regulamentação que torne obrigatória a presença de um professor especialista de música para trabalhar com esse tipo de linguagem artística nas escolas da educação básica, considero necessárias alguns direcionamentos para o futuro. Em primeiro lugar se faz necessário que as redes de ensino invistam na formação continuada de suas professoras de maneira a torná-las aptas de se valerem da música não apenas para o entretenimento ou de uma maneira mais prática para um fim imediato. Uma boa alternativa é levar essas professoras a dialogarem, tanto com profissionais de música, que porventura atuem nas escolas, quanto com outras professoras regentes que trabalhem, com destaque, com a música por perspectivas que não se esgotem em formas práticas de se utilizar da música.

Em segundo lugar, mas não menos importante, as instituições de ensino superior devem mudar seus currículos para formar professoras regentes capazes de dialogar com a música, realizando um trabalho que se valha das vantagens menos práticas apontadas ao longo deste trabalho. Cabe também aos pesquisadores dessas instituições a realização de estudos que não apenas compreendam a realidade investigada, mas que ajudem na realização de mudanças para a realização de um ensino de música mais crítico, tornando as docentes mais capazes de formar sujeitos críticos e emancipados.

Por fim, considero fundamental que as professoras regentes que já trabalham com música por perspectivas menos práticas produzam textos teórico-prático-reflexivos, uma vez que esse tipo de produção pode servir de estímulo e inspiração para outras docentes.

REFERÊNCIAS

ANTERO, A. F. do R.; SOUSA E. A. de; ANTERO, K. F. Formação continuada: a necessidade da musicalização para crianças. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 4., 2017, Campina Grande, **Anais...** Campina Grande:

Editora Realize, 2017. Disponível em:
<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/36997>. Acesso em: 15 mar. 2021

ANTUNES, B. A. *et al.* Observações, planejamentos e práticas musicais de um grupode bolsistas PIBID-música: entre reflexões e ações na escola. **Revista da Fundarte**, Montenegro, ano 15, n. 29, p. 34-49, jan./jun. 2015.

BARBOSA, L. da S. *et al.*. A utilização de paródias musicais como recurso didático no ensino de zoologia. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 4., 2017, Campina Grande, **Anais...** Campina Grande: Editora Realize, 2017. Disponível em:
http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA17_ID2701_09092017094147.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 15 mar. 2021.

CERQUEIRA, F. V. Argumentos aristotélicos em favor do ensino musical: Política, VIII. Dissertatio. **Revista de Filosofia da UFPEL**, Pelotas: v. 3, p. 70-88, 1996.

CERQUEIRA, F. V. Ética e estética na música grega: a educação e o ideal da kalo- kagathía. **Clássica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, Belo Horizonte: v. 24, n. 1/2, p. 73-85, 2011.

DEL BEN, L. Práticas pedagógico-musicais escolares: concepções e ações de três professoras de música do ensino fundamental. **Opus**, [S.l.], n. 8, fev., p. 17-28, 2002.

FARIA, C. A. G.; SANTOS, R. dos. A utilização da música como ferramenta pedagógica. **R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol**, Medianeira, v. 8, n. 15, p. 1-26, 2017.

FERREIRA, M. **Como usar a música na sala de aula**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FIGUEIREDO, S. L. F. de; ALBERTI, G. C. A música nas séries iniciais do ensino fundamental: orientações para seu ensino em Vitória (ES) e no Distrito Federal. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 4, n. 6, p. 420-425, 2009.

FIGUEIREDO, S. L. F. de; PEREIRA, G. do V. As orientações legais para o ensino de música nas séries iniciais do Ensino Fundamental nos estados da Bahia, Rio Grande do Norte e Sergipe. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 4, n. 6, p. 413-419, 2009.

FIGUEIREDO, S. L. F. de; ROSA, D. da S. Um estudo sobre a legislação para o ensino de música nas séries iniciais do ensino fundamental nas três capitais da região sul do Brasil. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 651-662, 2008.

ILARI, B. **Música na infância e na adolescência**: um livro para pais, professores e aficionados. Curitiba: InterSaber, 2013.

LOUREIRO, A. M. A. **O ensino de música na educação fundamental**. São Paulo: PAPIRUS. 2003.

MARINHEIRO, D. E. A.; PEREIRA, A. L. Benefícios da implantação da música em sala de aula. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 4., 2017, Campina

Grande, **Anais...** Campina Grande: Editora Realize, 2017.

Disponível em:

http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA5_ID2239_16102017200846.pdf . Acesso em: 1 mar. 2021.

MOREIRA, A. C.; SANTOS, H.; COELHO, I. S. A música na sala de aula: a música como recurso didático. **UNISANTA Humanitas**, Ipatinga, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2014.

MOREIRA, G. F.; FIGUEIREDO, S. L. F. Legislação educacional para o ensino de música nas séries iniciais do ensino fundamental na região sul do Brasil. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 2, n. 4, p. 525-534, 2007.

MORILA, A. P. Métodos pioneiros de ensino musical no Brasil: críticas, lutas e rivalidades. **Per Musi (UFMG)**, Belo Horizonte, n. 34, p. 1-34. 2016.

SILVA, J. M. da; MONTEIRO JÚNIOR, F. N. A música e sua função (re) organizadora na aquisição da linguagem em crianças na Creche Escola Municipal Tio Roberto em Paulista/PE. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 4., 2017, Campina

Grande, **Anais...** Campina Grande: Editora Realize, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/35485>. Acesso em: 01mar. 2021.

SILVA, R. de C. A.; ARAÚJO, A. C. C. de; SENA, T. S. de. A música como aliada no processo ensino aprendizagem. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 4., 2017, Campina Grande, **Anais...** Campina Grande: Editora Realize, 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/35484>. Acesso em: 01 mar. 2021.

SILVA, R. G. da. Criação do jogo a música “X” no auxílio das aulas de matemática. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 4., 2017, Campina Grande, **Anais...**

Campina Grande: Editora Realize, 2017. Disponível em:

https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2017/TRABALHO_EV073_MD4_SA13_ID5673_10092017225239.pdf. Acesso em: 01 mar 2021.

SILVA, V. P. B. da *et al.* Paródia musical: instrumento estimulador e facilitador nadinâmica da aprendizagem. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 4., 2017, Campina Grande, **Anais...** Campina Grande: Editora Realize, 2017. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA17_ID3155_11092017132742.pdf. Acesso em: 01 mar 2021.

SWANWICK, Keith. **Música, mente e educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

TAKATSU, M. M. **Arte, educação e música**. São Paulo: Cengage, 2016.

VELOSO, F. D. D. **Música e desenvolvimento da mente**. Curitiba: Contentus, 2020. E-book.

MULTIVIX

SERRA